



**AS NARRATIVAS MACHADIANAS NA
CONTEMPORANEIDADE:**



DIÁLOGOS COM A FORMAÇÃO DOCENTE

Cláudia Fernandes Benevenute
Letícia Queiroz de Carvalho



AS NARRATIVAS MACHADIANAS NA CONTEMPORANEIDADE:

DIÁLOGOS COM A
FORMAÇÃO DOCENTE

Cláudia Fernandes Benevenuto
Letícia Queiroz de Carvalho

Vitória
2019



Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades

Cláudia Fernandes Benevenuto
Letícia Queiroz de Carvalho

**AS NARRATIVAS MACHADIANAS
NA CONTEMPORANEIDADE**

DIÁLOGOS COM A
FORMAÇÃO DOCENTE

1ª edição

Vitória
2019

REALIZAÇÃO



PPGEH

Programa de Pós-Graduação
em Ensino de Humanidades
Instituto Federal do Espírito Santo



INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

B465n Benevenute, Cláudia Fernandes.

As narrativas machadianas na contemporaneidade: diálogos com a formação docente / Cláudia Fernandes Benevenute, Letícia Queiroz de Carvalho. – 1. ed. - Vitória: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo, 2019.

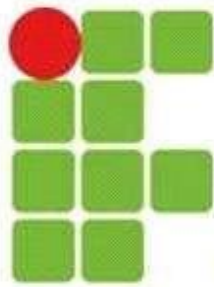
97 p. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-428-8 (E-book)

1. Assis, Machado, 1839-1908 – Crítica e interpretação. 2. Bakhtin, M. M. (Mikhail Mikhailovich), 1895-1975 – Crítica e interpretação. 3. Literatura e ensino. 4. Análise do discurso. 5. Professores – Formação. I. Carvalho, Letícia Queiroz de. II. Instituto Federal do Espírito Santo. III. Título.

CDD 22 – 372.4

Elaborada por Marcileia Seibert de Barcellos – CRB-6/ES - 656



**INSTITUTO FEDERAL
ESPÍRITO SANTO**

Editora IFES

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Espírito Santo
Pró-Reitoria de Extensão e Produção
Av. Rio Branco, 50, Santa Lúcia
Vitória – Espírito Santo – CEP.: 29056-255
Tel. (27) 3227-5564
E-mail: editoraifes@ifes.edu.br

Programa de Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades

Av. Vitória, 1729 – Jucutuquara
Vitória – Espírito Santo – CEP: 29040-780

Comissão Científica

Dr. Antônio Carlos Gomes
Dr. Erineu Foerste
Dr. Etelvo Ramos Filho
Dr. Nelson Martinelli

Coordenação Editorial

Marcelo Scabelo da Silva

Revisão do Texto

Letícia Queiroz de Carvalho

Capa e Editoração Eletrônica

Cláudia Benevenuto

Produção e Divulgação

Programa PPGEH / IFES



INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

Jadir José Pela
Reitor

Adriana Piontkovsky Barcellos
Pró-Reitor de Ensino

André Romero da Silva
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-graduação

Renato Tannure Rotta de Almeida
Pró-Reitor de Extensão

Lezi José Ferreira
Pró-Reitor de Administração e Orçamento

Luciano de Oliveira Toledo
Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

Hudson Luiz Côgo
Diretor Geral do Campus Vitória

Márcio Almeida Co
Diretor de Ensino

Márcia Regina Pereira Lima
Diretora de Pesquisa e Pós-graduação

Christian Mariani Lucas dos Santos
Diretor de Extensão

Roseni da Costa Silva Pratti
Diretor de Administração

Leonardo Bis dos Santos
Coordenador do PPGEH

AS AUTORAS

CLAUDIA FERNANDES BENEVENUTE

Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino de Humanidades pelo Instituto Federal do Espírito Santo. Especialista em Estudos Linguísticos em Língua Inglesa, pelo Centro Universitário São Camilo e graduada em Letras - Português/Inglês pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Madre Gertrudes de São José". Atualmente é professora efetiva do Ifes campus Cachoeiro de Itapemirim. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Metodologia de Ensino de Língua Inglesa e Aquisição de Línguas Adicionais.

Email: claudia.benevenute@ifes.edu.br

LETÍCIA QUEIROZ DE CARVALHO

Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Espírito Santo (IFES), com lotação no campus Vitória e atuação na Área de Letras e Educação, na graduação presencial em Letras-Português, na graduação a distância em Letras-Português e nos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH) e Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo - UFES (2012); Mestre em Estudos Literários pela UFES (2004) e Licenciada em Letras-Português pela UFES (1999). Integra o grupo de pesquisadores do Grupo de Pesquisas Culturas, Parcerias e Educação do Campo (UFES) e Literatura, Arte e Pensamento (IFES - Linhares). É líder do grupo de pesquisas Núcleo de Estudos em Literatura e Ensino (IFES - Campus Vitória). Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira, atuando principalmente nos seguintes temas: literatura e ensino, prática de ensino de língua e literatura, linguagem, formação de professores, pedagogia social e educação profissional.

E-mail: leticia.carvalho@ifes.edu.br



Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução, alguns dizem que assim é que a natureza compôs as suas espécies.

Machado de Assis

SUMÁRIO

PRIMEIRAS PALAVRAS	11
A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA	13
Por que ler Machado?	17
Machado de Assis em seu tempo: uma biografia.....	19
Arte e Vida: uma bibliografia	20
Dos Contos:	20
Dos Romances:.....	22
ARENAS DIALÓGICAS: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS PARA OS ENCONTROS	23
Questões para o Caderno de Leituras.....	27
EnCONTOS COM MACHADO: UMA PRÁTICA EXOTÓPICA E DIALÓGICA .	28
Entre Professores: A literatura em diálogo com a formação docente	28
Entre Professores e Alunos: <i>Conto de Escola</i>.....	32
Entre Pais e Mães: <i>Pai contra Mãe e O Caso da Vara</i>.....	36
Entre Almas: <i>O Espelho</i>.....	41
Entre Patrões e Empregados: <i>O Enfermeiro</i>.....	44
Entre Pais e Filhos: <i>Teoria do Medalhão</i>	48
Entre Homens e Mulheres: <i>Noite De Almirante</i>	51
Entre Deus e o Diabo: <i>A Igreja do Diabo</i>.....	55
Entre Professores: <i>Narração e Reflexão</i>	59

MACHADO EM DIÁLOGO	COM A FORMAÇÃO DOCENTE:	
DIÁLOGOS POSSÍVEIS	60
A. Diálogos com a escola contemporânea	64
B. Discursos minoritários contemporâneos	67
C. Concepções identitárias na docência	77
D. Dilemas éticos e processos de subjetivação e objetivação na docência	80
E. As máscaras sociais; relações sociais fragilizadas	84
F. Os papéis sociais na escola (os gêneros e a docência)	87
G. O politicamente correto na docência	93
ÚLTIMAS PALAVRAS	96
Agradecimentos	96
Referências	97

PRIMEIRAS PALAVRAS

Este caderno pedagógico se constitui como fruto do exercício exotópico da pesquisa *Machado de Assis e Mikhail Bakhtin em diálogo: contribuições da exotopia para a formação docente*, realizada ao longo do curso do Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades, do Instituto Federal do Espírito Santo, aplicada junto aos docentes da área de humanidades do Ifes campus Cachoeiro.

É muito comum acontecer, quando do uso de um texto literário no ambiente escolar, de o professor se preparar didaticamente para a exposição, leitura e análise dos aspectos estéticos e conteudistas que o compõem e, na esperança de obter o resultado desejado sobre ele ao final de sua apresentação, frustrar-se com os discursos de alguns alunos que o julgaram difícil, truncado, ou até irrelevante dentro do escopo da disciplina, minorando as expectativas arquitetadas pelo docente.

Diante de uma situação como essa, é possível supor que o que ocorre revela-se como uma falta de preparo teórico-metodológico no tocante a uma abordagem que dê conta da leitura de uma obra literária de forma crítica e contextualizada, fator tão caro à prática docente.

Concomitante à motivação e ao interesse pelo ensino de uma determinada produção literária, o aporte metodológico, alicerçado em um constitutivo teórico, fornece as bases necessárias a uma prática pedagógica crítica, capaz de ampliar as possibilidades de abordagem do universo artístico literário.

Esses elementos, sem dúvida, devem dispor-se em paralelo, uma vez que se completam mutuamente. Quando há motivação em se ensinar algo, é-se instigado a pesquisar, a aprofundar, a descobrir os meios de se alcançar os objetivos propostos como respostas a nossas indagações. E é nessa perspectiva que propusemos um olhar mais atento e apurado para os movimentos exotópicos, advindos da produção teórica e filosófica de Mikhail Bakhtin, na tentativa de encontrar alternativas para contribuir com o debate do ensino de literatura no

contexto escolar do Ensino Médio.

Sob esse referencial, elencamos algumas questões pertinentes e desafiadoras que nos propomos a investigar: a aplicação da perspectiva dialógica da linguagem nos estudos literários, formulada por Bakhtin, pode colaborar para uma metodologia de ensino capaz de promover uma leitura crítica e consciente, que leva em consideração os aspectos estéticos, as manifestações sógnicas, o contexto sociohistórico de produção e as condições de recepção de uma dada obra literária? É possível promover uma leitura crítica de mundo no contexto de ensino de literatura no Ensino Médio por meio da proposta dialógica e exotópica bakhtiniana?

Acompanhe os principais momentos dessas discussões nesta produção e entre você também para essa roda dialógica!

Boa leitura!

As autoras

A LITERATURA E A FORMAÇÃO HUMANA

Ao fazer um balanço sobre os progressos humanos conquistados por meio da racionalidade, o crítico literário Candido (1989), deixa muito evidente as palavras de sentido negativo, como “irracional” e “insensível”, para caracterizar os sujeitos os quais puderam desfrutar desse processo de desenvolvimento científico. Instrução, saber e técnica não foram capazes de instrumentalizar o homem com as estratégias necessárias para a erradicação das mazelas de cunho social. Por isso, esclarece sobre as barbáries sem precedentes em uma época de máxima civilização, haja vista o fato de não sabermos reconhecer e, por isso, respeitar os direitos alheios.

É verdade que quando pensamos em necessidades básicas do ser humano, pensamos no suprimento daquelas, sobretudo de cunho material, e findamos nossa lista quando da supressão das penúrias físicas e vitais do ser humano; entretanto, nem só da matéria física vive o homem. Em sua plenitude, o ser humano carece de outro alimento, aquele de composição espiritual, que acalma e alimenta a alma, os bens incompressíveis. Esses bens são aqueles que não apenas

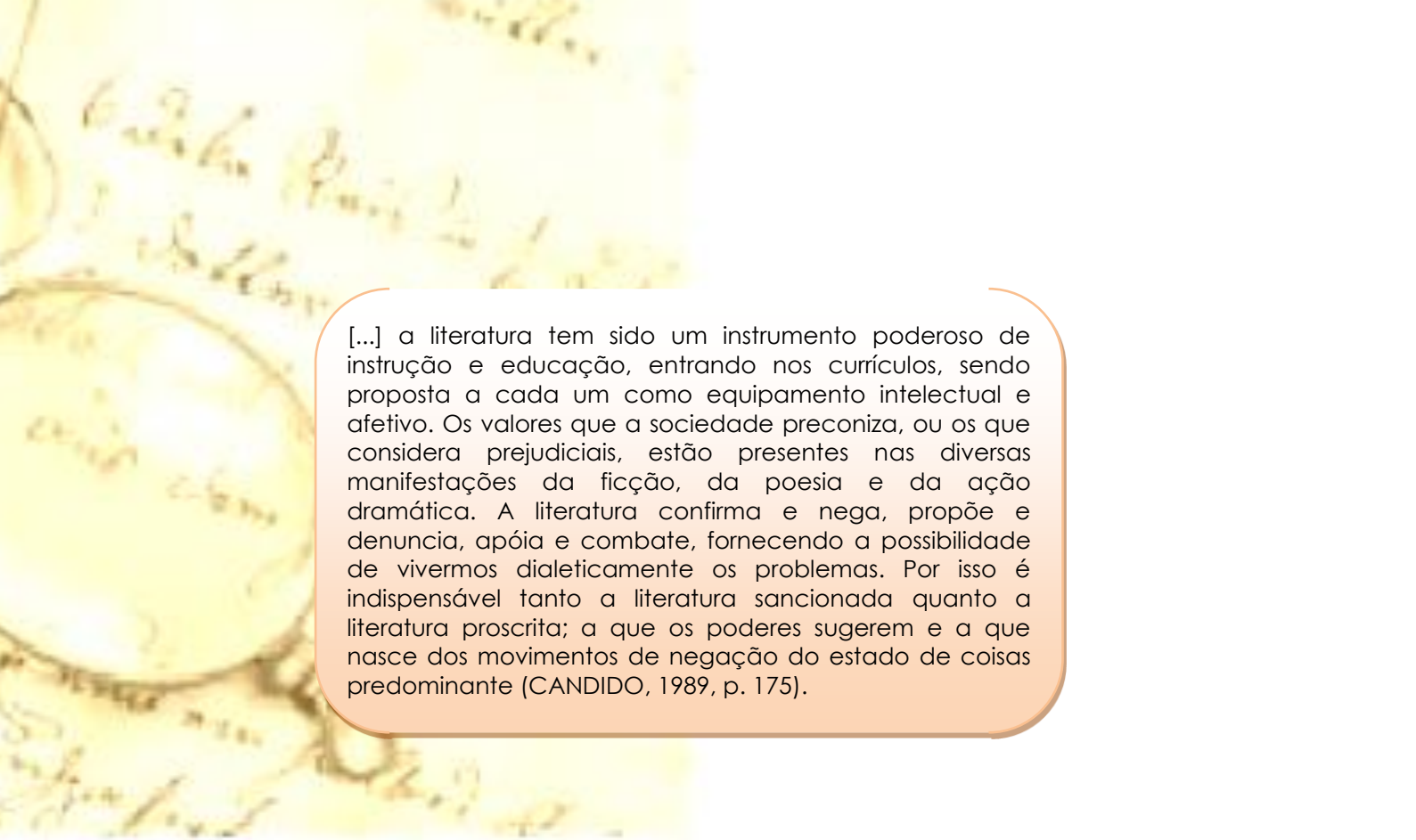
[...] asseguram a sobrevivência física em níveis decentes, mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc.; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 1989, p. 174).

E é nessa perspectiva que esse autor vem falar-nos sobre a saciedade que nos traz a literatura. Mas literatura para quê? Se ao homem pobre, desprovido dos bens materiais, são negadas as condições indispensáveis à sobrevivência, o que ele fará com a literatura? Qual o papel que ela pode desempenhar na vida dele? Se durante boa parte de sua vida, ele não se deu conta nem de sua posição social e historicamente construída, e conseguiu viver “bem”, por que a pleitearia agora? Soaria até paradoxal.

Ao analisarmos tal argumento, mais corrente do que se supõe, verificamos que muitos alunos que adentram os espaços escolares, tanto do ensino fundamental quanto do nível médio, não habituados à leitura literária, apresentam suas teses e escusas para o alijamento da prática da leitura artística e da arte, e questionam sua utilidade.

É interessante nesse caso a verificação do conceito e da abrangência que é dada à literatura por Candido. Para ele, ela se manifesta em todos os indivíduos, sejam brejeiros ou eruditos, e em todas as classes sociais, de diversas formas, inclusive por meio dos devaneios cotidianos e amorosos. Ele considera literatura toda sorte de imaginação, criatividade e tratamento lúdico que é reservado à linguagem. Logo, verifica-se que não há ser que a ela esteja alienado, não podendo, dessa forma, afirmar não reconhecê-la. E como faz parte de uma ação cotidiana e se constitui como necessidade universal, precisa ser mitigada, e tal satisfação deve se constituir como um direito.

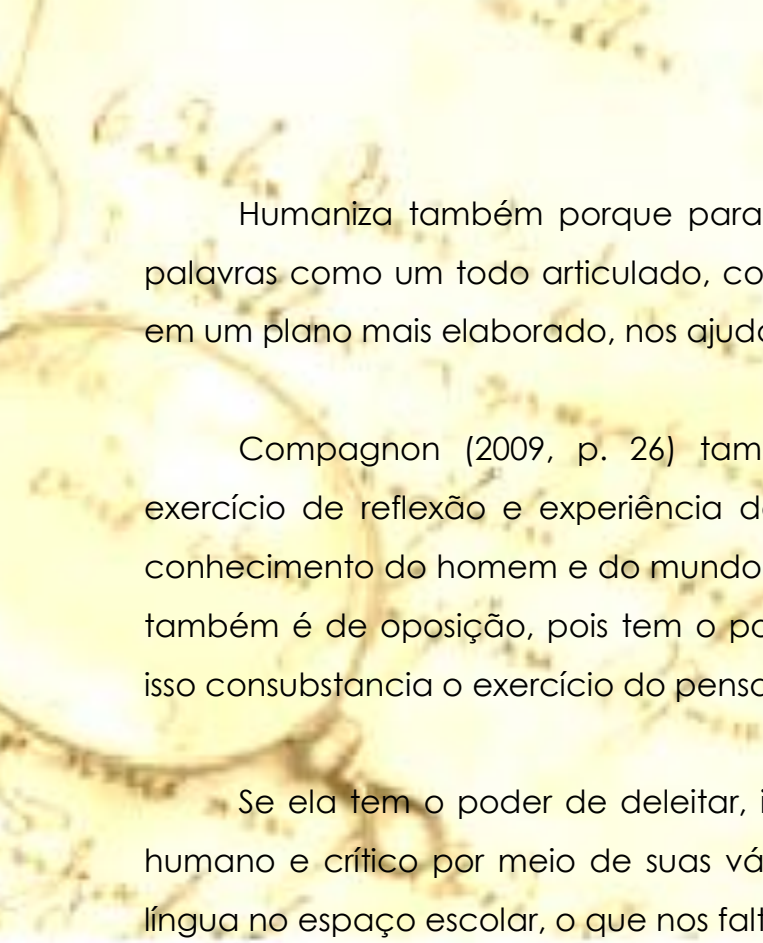
Nessa perspectiva, o que propomos aqui é a apresentação e a possibilidade de fruição de produções artísticas canônicas, como os contos machadianos e suas respectivas representações, bem como sua reflexão, no contexto de ensino da área de Humanidades no Ensino Médio, para a formação de um leitor crítico, ético e responsivo, o que se constitui como um objetivo em potencial, pois,



[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apóia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. Por isso é indispensável tanto a literatura sancionada quanto a literatura proscrita; a que os poderes sugerem e a que nasce dos movimentos de negação do estado de coisas predominante (CANDIDO, 1989, p. 175).

Constitui-se, dessa forma, um direito, mas não deve ser tida como algo inocente e inofensivo; ao contrário, pois ao lidar com questões de caráter humano, experiências, traz consigo operâncias ideológicas e tem o poder de induzir a estas, podendo causar danos psíquicos e morais. Ela mostra e relativiza conceitos, pois também o escritor, ao pensar sua estrutura, elabora seu raciocínio lógico em consonância com a linha ideológica que deseja transmitir. Enfim, ela nos faz viver. E, por fazer viver, humaniza. Assim, para Candido, (1989, p. 180), humanizar é

[...] o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante.



Humaniza também porque para que ela se constitua, temos de dispor as palavras como um todo articulado, compondo o primeiro nível organizador, que, em um plano mais elaborado, nos ajuda a organizar o mundo.

Compagnon (2009, p. 26) também nos afirma que a literatura, como exercício de reflexão e experiência de escrita, “[...] responde a um projeto de conhecimento do homem e do mundo”. Também deleita e instrui. Mas não só isso: também é de oposição, pois tem o poder de contestar a submissão do poder. E isso consubstancia o exercício do pensamento crítico.

Se ela tem o poder de deleitar, instruir, formar um cidadão essencialmente humano e crítico por meio de suas várias facetas, objetivo singular nas aulas de língua no espaço escolar, o que nos falta, então, para atingi-lo?

Segundo Candido (1989, p. 188), o principal obstáculo para que tal habilidade se desenvolva nos indivíduos (por extensão nos alunos com os quais trabalhamos) não é a incapacidade dos sujeitos, mas a falta de oportunidade.

Essa constatação aflige-nos sobremaneira e incita-nos a buscar meios de potencializar o exercício dialógico da e com a leitura por meio de nossa práxis. Por essa razão preparamos este material e o oferecemos a você como uma oportunidade outra de encontros possíveis com a fruição, com a formação humanizadora e a com criticidade que a literatura nos proporciona.

Por que ler Machado?

Não se leem os clássicos no Brasil... Não se leem, o que é um mal... Cada tempo tem o seu estilo. Mas estudar-lhes as formas mais apuradas da linguagem, desentranhar deles mil riquezas, que, à força de velhas se fazem novas, - não me parece que se deva desprezar. Nem tudo tinham os antigos, nem tudo têm os modernos; com os haveres de uns e outros é que se enriquece o pecúlio comum.

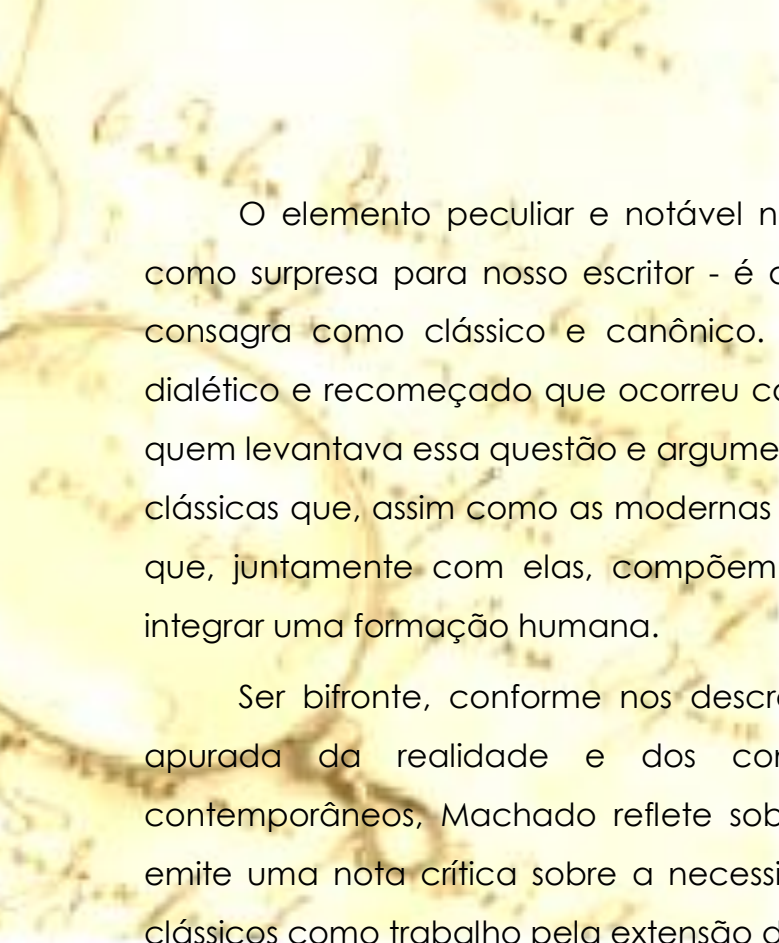
As palavras acima são datadas de 1873¹ e foram escritas pelo próprio Machado de Assis quando este analisava a situação da literatura brasileira de sua época.

Vê-se, entretanto, que a questão em torno da leitura dos clássicos não é assunto recente no meio acadêmico e literário no Brasil. Machado já se mostrava preocupado com a conjuntura da produção e do consumo artístico literário no segundo reinado brasileiro e, despontando-se como ser bifronte², delineava os argumentos favoráveis à investida na leitura de narrativas canônicas para o enriquecimento humano.

Hoje, quase um século e meio mais tarde, essa discussão ainda permeia nosso imaginário cultural e nosso cotidiano, sobretudo aquele que contempla a formação humana, e colocamo-nos diante à questão que trata da importância da leitura de diegeses clássicas não só nos ambientes formais de educação, embora principalmente nesses locais, mas em contextos outros nos quais se toma o desenvolvimento humano como elemento fulcral.

¹ ASSIS, Machado de. Notícia da atual literatura brasileira – Instinto de nacionalidade. In: _____. Obra completa. v. 3. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997. p. 801-809. Publicado originalmente em Novo Mundo, no dia 24 de março de 1873.

² Este termo faz alusão ao deus romano Jano Bifronte, que, de acordo com a mitologia romana, era caracterizado com duas faces viradas para direções opostas, o que simbolizava seu poder de detecção de tempos distintos: passado e futuro. Uma visão que lhe concedia pleno domínio das percepções espaciotemporais.



O elemento peculiar e notável nessa questão agora - e talvez até soaria como surpresa para nosso escritor - é que o próprio Machado, neste tempo, se consagra como clássico e canônico. É interessante observar esse movimento dialético e recomeçado que ocorreu com o nosso campo literário. Antes, era ele quem levantava essa questão e argumentava a favor do conhecimento das obras clássicas que, assim como as modernas e as contemporâneas não têm tudo, mas que, juntamente com elas, compõem um todo capaz de contrabalancear e integrar uma formação humana.

Ser bifronte, conforme nos descrevia Candido (1995), e com percepção apurada da realidade e dos conflitos sociais os quais afligiam seus contemporâneos, Machado reflete sobre o panorama da literatura brasileira e emite uma nota crítica sobre a necessidade do encontro e do diálogo com os clássicos como trabalho pela extensão das ideias humanas.

Com essa declaração, temos que Machado alinha-se à perspectiva bakhtiniana que concebe como princípio na constituição linguística e humana, o conceito de dialogismo, o qual considera o diálogo como o meio pelo qual o ser humano constrói-se epistemologicamente. Diálogo esse que se instaura na tensão e na ambivalência discursivas na atividade de escuta e no cotejamento de vozes para a superação dos diversos estágios de inacabamento do ser.

Machado de Assis em seu tempo: uma biografia

Rio de Janeiro, 1839, nasce o menino Joaquim Maria Machado de Assis, no seio de uma família pobre no Morro do Livramento. Filho do pintor e dourador Francisco José de Assis e da açoriana Maria Leopoldina Machado de Assis, Machadinho, como era carinhosamente chamado pelos pais, perde a mãe muito cedo, e pouco se sabe acerca de sua infância e início da adolescência.

Mulato, pobre, gago e epilético, não reunia, em absoluto, características que o fizessem despontar em áreas consagradas naquela então sociedade escravagista do século XIX.

Como não possuía meios para frequentar cursos regulares, estudou como pôde e, além da competência adquirida com a língua nacional, aprendeu e traduzia textos em inglês e em francês. Antes de completar 15 anos, em 1854, escreve sua primeira produção literária, o soneto **À Ilma. Sra. D.P.J.A.**, e o publica no **Periódico dos Pobres**, (nome um tanto curioso), número datado de 3 de outubro de 1854.

Em 1856, consegue um serviço de aprendiz de tipógrafo na Imprensa Nacional e lá conhece Manuel Antônio de Almeida, aquele que viria ser seu amigo e protetor. Em 1858, atua como revisor e colaborador no *Correio Mercantil* e, em 1860, a convite de Quintino Bocaiúva, integra a redação do *Diário do Rio de Janeiro*. Concomitantemente, escreve regularmente para a revista *O Espelho*, onde estreou como crítico teatral; a *Semana Ilustrada* e o *Jornal das Famílias*, onde teve a oportunidade de publicar o gênero textual conto, que o ajudaria a consagrar sua carreira como escritor.

Apesar das dificuldades pelas quais teve de passar na infância e em sua juventude, consegue transpô-las; não encontrou impeditivos que sobrepujassem sua curiosidade, e seu olhar agudo, crítico, sobretudo exotópico, do sujeito que ética e esteticamente se compromete com os seus, características que contribuíram para que pudesse gozar, ainda em vida, das glórias de um escritor reconhecido e respeitado em nossa Oitocentos, as quais atravessam nosso tempo.

Arte e Vida: uma bibliografia

Conheça um pouco mais da produção bibliográfica de Machado:

Dois Contos:

Contos Fluminenses

(Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1870)

Primeiro volume: Miss Dollar / Luiz Soares / A mulher de preto / O segredo de Augusta / Confissões de uma viúva moça / Frei Simão / Linha reta e linha curva.

Segundo volume: Casada e Viúva / Aires e Vergueiro / Quem conta um conto / Um homem superior / Nem uma nem outra / Onze anos depois / História de uma fita azul / To be or not to be / Conversão de um avaro / Dívida Extinta / A carteira / Uma carta / Curta história / Pobre Finoca!

Histórias da Meia-Noite

(Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1873)

A parasita azul / As bodas de Luiz Duarte / Ernesto de Tal / Aurora sem dia / O relógio de ouro / Ponto de vista.

Histórias sem data

(Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1884)

A igreja do diabo / O lapso / Último capítulo / Cantiga de esponsais / Uma senhora / Singular ocorrência / Fulano / Capítulo dos chapéus / Galeria póstuma / Conto alexandrino / Primas de sapucaia / Anedota pecuniária / A segunda vida / Ex-cátedra / Manuscrito de um sacristão / As academias de Sião / Noite de almirante / A senhora do Galvão.

Páginas Recolhidas

(Rio de Janeiro: H. Garnier Livreiro-Editor, 1899)

Constam da publicação peças de gêneros diversos: O Caso da Vara / O Dicionário / Um Erradio / Eterno ! / Missa do Galo / Idéias de Canário / Lágrimas de Xerxes / Papéis Velhos / A Estátua de José de Alencar - discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar / Henriqueta Renan / O Velho Senado / Tu só, tu, puro amor... / Entre 1892 e 1894: Vae Soli ! / Salteadores da Tessália / A Cena do Cemitério / Canção de Piratas / Garnier.

Títulos da edição de 1937: O Caso da Vara / O Dicionário / Um Erradio / Eterno ! / Missa do Galo / Idéias de Canário / Lágrimas de Xerxes / Papéis Velhos / O Velho Senado / Um Cão de Lata ao Rabo / Filosofia de um Par de Botas / Antes da Missa / Três Tesouros Perdidos / Elogio da Vaidade / O Califa de Platina / Uma Noite / A Estátua de José de Alencar - discurso proferido na cerimônia de lançamento da primeira pedra da estátua de José de Alencar / O Busto de Gonçalves Dias - discurso proferido no Passeio Público, ao inaugurar-se a herma do poeta em 2 de junho de 1901 / Saudação a Guglielmo Ferrero - no banquete oferecido pela Academia Brasileira ao historiador italiano em 31 de outubro de 1907 / Na Academia Brasileira, I / Discurso inaugural, II.

Papéis avulsos

(Rio de Janeiro: Lombaerts e Cia., 1882)

O alienista / Teoria do medalhão / A chinela turca / Na arca / D. Benedita / O segredo do bonzo / O anel de Policrates / O empréstimo / A sereníssima república / O espelho / Uma visita de Alcibíades / Verba testamentária.

Várias histórias

(Rio de Janeiro: Laemmert & C., 1896)

A Cartomante / Entre santos / Uns braços / Um homem célebre / A desejada das gentes / A causa secreta / Trio em lá menor / Adão e Eva / O enfermeiro / O diplomático / Mariana / Conto de escola / Um apólogo / D. Paula / Viver! Viver! / O Cônego ou metafísica do estilo.

Relíquias de casa velha

(Rio de Janeiro; H. Garnier Livreiro-Editor, 1906)

Primeiro volume: O volume contém peças de gêneros diversos; A carolina / Pai contra Mãe / Maria Cora / Marcha Fúnebre / Um capitão de voluntários / Suje-se gordo ! / Umas férias / Evolução / Pílates e Orestes / Anedota do cabriolé / Páginas críticas e comemorativas: Gonçalves Dias - Discurso lido no Passeio Público, ao inaugurar-se o busto de Gonçalves Dias / Um livro / Eduardo Prado / Antônio José / Não consultes médico / Lição de botânica.

Segundo volume: Valério / A mágoa do infeliz Cosme / O Astrólogo / Sem olhos / Um almoço / Um ambicioso / A herança / Fôlha rôta / O Imortal / Letra vencida / O Programa / História comum / O Destinado / Troca de datas / Três consequências / Questões de maridos / Cantiga velha / O melhor remédio / Entre duas datas / Vinte anos! / Um incêndio / O País das quimeras.

Dois Romances:

Ressurreição

Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1872.

A Mão e a Luva

Rio de Janeiro: E. Gomes de Oliveira, 1874.

Helena

O Globo. Rio de Janeiro: de 6 de agosto a 11 de setembro de 1876.

Iaiá Garcia

Rio de Janeiro: G. Vianna, 1878.

Memórias póstumas de Brás Cubas

Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

Quincas Borba

Rio de Janeiro: B. L. Garnier, 1891.

Dom Casmurro

Rio de Janeiro: H. Garnier, 1899.

Esaú e Jacob

Rio de Janeiro: H. Garnier, 1904.

Memorial de Aires

Rio de Janeiro: H. Garnier, 1908.

FIQUE LIGADO

Toda a obra de Machado de Assis está disponível em domínio público. Para acessá-la, visite:

<<http://machado.mec.gov.br/>>



Outra fonte de leitura, também gratuita, pode ser adquirida por meio do aplicativo *Machado de Assis*. Nele você encontra toda a ficção machadiana, com possibilidade de busca por palavra ou expressões.

Acesse <<https://play.google.com/store/apps/details?id=com.machadodeassis>> para baixá-lo.



ARENAS DIALÓGICAS: APONTAMENTOS METODOLÓGICOS PARA OS ENCONTROS

Nesta seção apresentamos algumas notas de orientação e esclarecimento quanto aos procedimentos metodológicos referentes aos encontros, os quais são desenvolvidos sob o formato de arenas dialógicas.

As arenas propiciam espaços de formação docente, nos quais os professores participam, de forma colaborativa, da experiência estético-reflexiva dialógica por meio da análise de clássicos machadianos, relacionando-os com suas atividades profissionais, fortalecendo os laços entre língua, arte e vida. Nesses encontros, os participantes compartilham com os colegas os trechos selecionados que julgarem relevantes e trazem para discussão questões pertinentes à vida escolar que os interpelaram.

São momentos em que o saber docente é valorizado, uma vez que todas as reflexões realizadas acerca dos textos literários e de suas relações com a prática escolar são consideradas e debatidas por todos em uma relação de equidade. Uma investida de análise coletiva por meio de debates e do compartilhamento de ideias para a compreensão não apenas da arquitetura estética de uma obra, mas também das demandas escolares cotidianas.

Essa metodologia oportuniza uma formação docente como um processo contínuo de estudo coletivo com a possibilidade de revisitação de conceitos, relativização de pontos de vista por meio de diferentes leituras propiciadas pelos participantes.

No primeiro encontro (de duração mais curta), o proponente esclarece aos participantes o projeto de formação docente, o objetivo, o cronograma, a dinâmica metodológica, as leituras requeridas, as atividades e a produção proposta para a finalização dos encontros. Abre-se para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que os docentes possam ter. Espaço para uma roda de

conversa em que as demandas e as expectativas são explicitadas. Neste momento, o coordenador recolhe os dados dos participantes e informa como os materiais de leitura indicados serão compartilhados (via e-mail, grupo de *WhatsApp*, *Google Docs* etc). Esse procedimento é de suma importância, pois é a criação desse canal de comunicação que vai possibilitar que os participantes tenham o acesso aos materiais de leitura com antecedência e possam realizar suas atividades em seu devido tempo conforme combinado. É nesse encontro que as primeiras leituras são indicadas.

O coordenador também pode entregar aos participantes um caderninho personalizado para os registros de leitura, de modo a motivá-los a anotar suas impressões sobre a experiência de leitura, elencando e sistematizando seus argumentos para a posterior socialização.

A partir do segundo encontro é que as arenas dialógicas efetivamente acontecem. Em consonância com essa dinâmica, todo participante tem a sua vez de falar garantida. Inicialmente, o proponente começa os encontros organizando os turnos de falas, ou seja, ordena e anota a participação dos falantes para o início do processo de compartilhamento dos trechos selecionados por eles. Nesse momento, após um participante apresentar sua seleção e tecer seus comentários sobre ela, o coordenador abre uma subseção de turnos de fala para aqueles que queiram comentar sobre a referida passagem. Exauridos todos os comentários sobre determinada passagem, retoma-se a ordem para a exposição inicial até que todos tenham a oportunidade de expor suas análises e reflexões.

Durante os comentários é que ocorre a tensão dialógica e que todas as reflexões são consideradas. Dessa forma, é possibilitada ao leitor a atribuição de um novo sentido à sua interpretação incipiente, o que resulta em compreensões sólidas e críticas propiciadas pela dimensão coletiva. É importante ressaltar que a força do discurso reside não na posição hierárquica do participante, mas na coerência de seus argumentos.

Como primamos por um projeto de formação docente de cunho humanizador, as arenas por nós propostas abarcam o tripé dimensional da experiência humana em suas esferas: afetiva, intelectual e valorativa/atitudinal.

Assim, sistematizamos essa dinâmica de modo que o participante tenha a oportunidade de experienciar essas três dimensões e de refletir sobre elas.

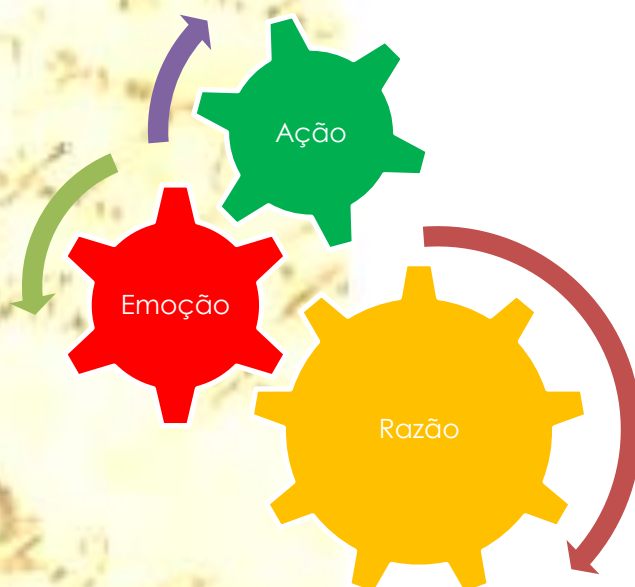


Figura 1- Tríade Dimensional da Experiência Humana
Fonte: Elaborada pelas autoras

A emoção

Segundo Gallian (2017, p. 117), “toda proposta efetivamente humanizadora deve partir da dimensão mais primária e essencial da vivência humana que é a dos afetos”; dessa forma, em conformidade com essa premissa, iniciamos os encontros a partir do compartilhamento da experiência estética, momento em que são socializadas as experiências estéticas pessoais de cada leitor participante.

Nesta etapa, os partícipes relatam as sensações e os estímulos afetivos provocados pela leitura do(s) conto(s) em questão. Essas sensações dizem respeito a quaisquer interpelações e/ou impressões que eles tenham tido durante a leitura. Esse exercício ratifica o propósito humanizador da dinâmica: a vivência afetiva, propiciada por uma experiência estética provocadora.

A razão

Nesta dimensão, entram em cena a inteligência e a razão para garantir a reflexão necessária para a compreensão dos significados representados,

Assim, os questionamentos, as perplexidades, as percepções iniciais compartilhadas são retomadas e trabalhadas de forma mais detalhada. E, por se tratar de um gênero textual relativamente curto, optamos nesta seção pelo norteamento temático para o trabalho com os textos, conforme detalhado nos encontros.

A ação

Processo que auxilia na identificação dos valores norteadores dos nossos atos. Essa dinâmica de análise concorre para a ampliação da reflexão, de concretizar e de possibilitar que o acontecimento estético e reflexivo influa na dimensão ética da vida.

É importante ressaltar que o coordenador tenha sempre consigo o roteiro escrito de todas as etapas que envolvem o desenvolvimento deste projeto. Neste roteiro, devem constar as perguntas norteadores dos diferentes estágios, as referências e os pontos que julgar relevantes nos contos estudados.

Nessas rodas, o foco reside na relação da socialização das impressões e reflexões do grupo sobre os textos lidos com o cotidiano docente. Assim, o coordenador continua a organizar os turnos de fala, de modo a garantir que todos tenham a chance de debater, questionar e refletir sobre os argumentos apresentados. Acresce-se a esse procedimento, a necessidade de o coordenador selecionar um participante para secretariar essa discussão, o qual deverá anotar as principais concepções apresentadas pelos partícipes e fazer a leitura para o grupo das principais reflexões realizadas coletivamente.

Ao final do encontro, o coordenador informa o grupo sobre o próximo conto a ser lido (o qual já deve estar disponível no canal de comunicação criado pelo grupo) e sobre as possíveis pesquisas a serem feitas para a roda seguinte, com base nos questionamentos provenientes das discussões realizadas naquele momento. E encerra a dinâmica com um agradecimento a todos os participantes do encontro.

Questões para o Caderno de Leituras

- Como foi a sua experiência de leitura desse conto?
 - Como se sentiu ao ler esse texto?
 - Foi uma leitura fácil ou difícil?
 - Agradável ou desagradável?
 - Quais afetos, sentimentos, ideias, questionamentos ou reflexões surgiram durante a leitura?
 - Foi uma experiência interessante, reveladora, instigante, ou árida, enfadonha, desesperadora?
 - O que esta leitura despertou em você?
- ✓ Registre suas impressões para compartilhar suas percepções com os demais participantes nas arenas dialógicas.

EnCONTOS COM MACHADO: UMA PRÁTICA EXOTÓPICA E DIALÓGICA

Nesta seção, apresentamos o detalhamento dos nove encontros formativos propostos para uma prática que se enseja exotópica e dialógica com os docentes da área de humanidades do Ensino Médio.

Entre Professores: A literatura em diálogo com a formação

Encontro 01	ENTRE PROFESSORES
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none">- Apresentação do projeto de formação docente, do cronograma, das leituras requeridas, da dinâmica, das atividades e da produção proposta;- Contextualização do autor principal cuja produção motivará esta roda literária pedagógica: Machado de Assis;- Apresentação do autor Mikahil Bakhtin e de sua teoria, que norteará a esfera conceitual (dialogismo e exotopia) e a dinâmica metodológica deste estudo coletivo;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none">-Familiarizar-se com os objetivos e a dinâmica do projeto de formação docente.- Sensibilizar-se sobre a necessidade e a importância da realização da leitura do texto literário em sua integralidade;- Entender a atividade de leitura como processo discursivo em que autor e leitor participam para a produção de sentidos;- Compreender o princípio exotópico bakhtiniano de que o enunciado constitui-se em relação ao outro e configura como o modo de funcionamento real da linguagem.
Eixo temático	A formação docente pela via literária

Metodologia	Roda de conversa
Duração	1 hora
Corpus utilizado	<p>- Vídeo “Machado de Assis, o bruxo das palavras - o cronista e seu tempo”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=eRUpSteFTqk> Acesso em 03/04/17.</p> <p>- Texto A literatura e a formação do homem, de Antônio Candido. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/118273/1/ppec_8635992-5655-1-PB.pdf> Acesso em 08/06/17.</p>

Para iniciarmos nossas discussões acerca da relação entre a literatura e a formação humana, tomemos de Candido (2012) este questionamento:

Sabemos que a instrução dos países civilizados sempre se baseou nas letras. Daí o elo entre formação do homem, humanismo, letras humanas e o estudo da língua e da literatura. Tomadas em si mesmas, seriam as letras humanizadoras, do ponto de vista educacional?

Em seguida, apresentamos mais duas considerações desse autor para irmos mais a fundo na discussão e provocar os leitores/participantes:

Seja como for, a sua função educativa é muito mais complexa do que pressupõe um ponto de vista estritamente pedagógico. A própria ação que exerce nas camadas profundas afasta a noção convencional de uma atividade delimitada e dirigida segundo os requisitos das normas vigentes. A literatura pode *formar*; mas não segundo a pedagogia oficial, que costuma vê-la ideologicamente como um veículo da tríade famosa, — o Verdadeiro, o Bom, o Belo, definidos conforme os interesses dos grupos dominantes, para reforço da sua concepção de vida. Longe de ser um apêndice da instrução moral e cívica (esta apoteose matreira do óbvio, novamente em grande voga), ela age com o impacto indiscriminado da própria vida e educa como ela, — com altos e baixos, luzes e sombras.

Além das funções mencionadas (isto é: satisfazer à necessidade universal de fantasia e contribuir para a formação da personalidade) teria a literatura uma função de conhecimento do mundo e do ser? Por outras palavras: o fato de consistir na construção de obras autônomas, com estrutura específica e filiação a modelos duráveis, lhe dá um significado também específico, que se esgota em si mesmo, ou lhe permite representar de maneira cognitiva, ou sugestiva, a realidade do espírito, da sociedade, da natureza?

A resposta para essa pergunta, e outros questionamentos que tangenciam o papel desempenhado pela literatura na formação humana tornam o texto **A literatura e a formação do homem**, (excertos acima), leitura pertinente e sugestiva para o primeiro diálogo com os docentes.

Apresentamos, a seguir, o sujeito cuja teoria inspirou o percurso metodológico deste trabalho.

Mikhail Bakhtin: O teórico e seu legado

Palavra puxa palavra, conceito puxa conceito: o dialogismo bakhtiniano

O conceito de dialogismo proposto por Bakhtin (2017), estabelece que o enunciado constitui-se em relação a outro e se configura como o modo de funcionamento real da linguagem.

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.

Bakhtin



O pesquisador, pensador, filósofo e teórico Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) foi uma das figuras mais importantes para a história e evolução da linguagem humana, e suas pesquisas norteiam até hoje estudos e teorias pelo mundo.

Sua influência é facilmente notada em estudos sobre história, filosofia, antropologia, psicologia, sociolinguística, análise do discurso e semiótica. Porém, sua maior contribuição, sem dúvida, foi o legado dos estudos da linguagem – considerada por muitos uma visão “translinguística”, já que para Bakhtin a língua não se encaixava em um sistema isolado.

Para ele, toda e qualquer análise linguística deveria tratar também de outros fatores, como a relação do emissor com o receptor, o contexto social, histórico, cultural, ideológico e de fala, por exemplo. Segundo ele, se não fosse dessa forma, não haveria compreensão.

Além disso, ele foi o líder intelectual de um grupo que ficou conhecido como “Círculo de Bakhtin”, considerado revolucionário e fonte de inspiração para inúmeros pesquisadores da área. O tema é aprofundado na obra *Repensando o Círculo de Bakhtin*, de Craig Brandist, que faz uma abordagem crítica sobre o círculo e seus trabalhos.

A herança intelectual desse grande pensador é tratada também em outros livros, como **A Revolução Bakhtiniana** de Augusto Ponzio, **Bakhtin: Dialogismo e Polifonia**, **Bakhtin e o Círculo**, **Bakhtin: conceitos-chave** e **Bakhtin: outros conceitos-chave** – estes quatro organizados por Beth Brait, entre outros.

Texto publicado no Blog da Editora Contexto. Disponível em:
<https://www.editoracontexto.com.br/blog/quem-foi-mikhail-bakhtin/>
Acesso em 08/04/2019.

Palavra puxa palavra, conceito puxa conceito: a exotopia bakhtiniana

O termo **exotopia**, categoria conceitual bakhtiniana que se refere à dimensão espaço-temporal das atividades criadoras, foi cunhado a partir do vocábulo latino *distantia* (distância), noção necessária para emprestarmos nosso olhar de contemplador e provermos um acabamento estético e, sobretudo, ético, que só o meu eu, do meu lugar e da minha percepção, pode conferir amorosamente ao outro, como um ato de doação, a fim de novas possibilidades de acabamento e aprimoramento de outrem.

Entre Professores e Alunos: *Conto de Escola*

Encontro 2	“ENTRE PROFESSORES E ALUNOS”
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão e compartilhamento da experiência estética a partir da leitura do “Conto de escola”; - Compartilhamento de trechos selecionados com explicações e reflexões relacionadas à prática docente; - Discussão sobre a literatura e seus modos de operacionalização no espaço escolar contemporâneo; - Debate sobre a dinâmica de ensino na escola contemporânea, a partir das situações apresentadas na narrativa machadiana.
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Relatar as experiências com a leitura literária, preferencialmente com os textos machadianos, comentando sobre as práticas e as percepções provenientes desses momentos; - Reconhecer e familiarizar-se com o estilo irônico machadiano, observando os elementos estilísticos e as construções de sentidos; - Perceber como os narradores machadianos concorrem para a perspectiva exotópica da linguagem na medida em que interrogam, criticam e chamam a atenção do leitor “desavisado”; - Identificar a justaposição de múltiplas vozes no objeto estético as quais suscitam diferentes perspectivas e relativizações; - Refletir sobre o processo de ensino na escola contemporânea e relacioná-lo com os contrastes irônicos atuais e aqueles presentes na estilização do conto machadiano. - Refletir sobre a utilização da literatura, sobretudo dos contos machadianos, como fonte potencial para a discussão de assuntos político-sociais nas aulas da área de Humanidades.
Eixo temático	Diálogos com a escola contemporânea
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas

**Corpus
utilizado**

- A literatura e a formação do homem - Candido (2012);
- O exercício exotópico, Bakhtin (2017);
- "Conto de escola", de Machado de Assis. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000268.pdf>

Prática exotópica na docência

Pilar declara, logo no início da história, seu desinteresse pela escola. E, ao mesmo tempo, elenca outros atrativos que o seduzem, como a possibilidade de brincadeiras que vivenciaria no morro ou no campo. O local para onde deveria ir se divertir é que era sua legítima preocupação. Até que se lembrou de algo que o fez desviar sua atenção:

[...] foi a lembrança do último castigo que me levou naquela manhã para o colégio. Não era um menino de virtudes. (p.21)

E, depois de comparecer à escola, revela:

*[...] Com franqueza, estava arrependido de ter vindo. Agora que ficava preso, ardia por andar lá fora, e recapitulava o campo e o morro, pensava nos outros meninos vadios, o Chico Telha, o Américo, o Carlos das Escadinhas, a fina flor do bairro e do gênero humano. Para cúmulo de desespero, vi através das vidraças da escola, no claro azul do céu, por cima do Morro do Livramento, um papagaio de papel, alto e largo, preso de uma corda imensa, que bojava no ar, uma coisa soberba. E eu na escola, sentado, pernas unidas, com o livro de leitura e a gramática nos joelhos.
- Fui um bobo em vir – disse eu a Raimundo. (destaque nosso)*

Pilar teve de ir ao colégio e manter-se preso lá por imposição do pai e por medo dos castigos dele, caso descumprisse suas ordens.

➤ E você, professor? O que é que o prende na escola hoje?

- De que forma podemos enxergar pela perspectiva dos nossos alunos e provê-los com a liberdade, que tanto almejam, mesmo nos espaços fechados e formais nos quais trabalhamos?

De acordo com as percepções de Pilar, seu professor não costumava prestar muita atenção aos comportamentos de seus aprendizes, com exceção do filho, que também era seu aluno. E facilmente se volvia para questões pessoais de seu interesse. Além disso, embora demonstrasse atitudes negligentes em relação aos alunos, sabia também impor autoridade pela imposição do medo e da punição:

Policarpo tinha decerto algum partido, mas nunca pude averiguar esse ponto. O pior que ele podia ter, para nós, era a palmatória. E essa estava lá, pendurada do portal da janela, à direita, com os seus cinco olhos do diabo. Era só levantar a mão, dependurá-la e brandi-la, com a força do costume, que não era pouca. E daí, pode ser que alguma vez as paixões públicas o dominassem nele a ponto de poupar-nos uma ou outra correção. Naquele dia, ao menos, pareceu-me que lia as folhas com muito interesse; levantava os olhos de quando em quando, ou tomava uma pitada, mas tornava logo aos jornais, e lia a valer. (p. 24)

- Como as atitudes do professor Policarpo se relacionam com as suas?
- Como podemos exercitar atitudes exotópicas e mostrar interesse pela vida e pelo aprendizado de nossos educandos?

"A escola"
Paulo Freire

Trazemos, a seguir, o poema "A escola" de Paulo Freire para refletirmos sobre sua concepção de escola ³.

³ Disponível em: <<https://tiaeron.wordpress.com/2012/04/28/escola-poema-de-paulo-freire/>>
Acesso em 13/04/2019.

A Escola

"Escola é...
o lugar onde se faz amigos
não se trata só de prédios, salas, quadros,
programas, horários, conceitos...
Escola é, sobretudo, gente,
gente que trabalha, que estuda,
que se alegra, se conhece, se estima.
O diretor é gente,
O coordenador é gente, o professor é gente,
o aluno é gente,
cada funcionário é gente.
E a escola será cada vez melhor
na medida em que cada um
se comporte como colega, amigo, irmão.
Nada de 'ilha cercada de gente por todos os lados'.
Nada de conviver com as pessoas e depois descobrir
que não tem amizade a ninguém
nada de ser como o tijolo que
forma a parede,
indiferente, frio, só.
Importante na escola não é só
estudar, não é só trabalhar,
é também criar laços de amizade,
é criar ambiente de
camaradagem,
é conviver, é se 'amarrar nela'!
Ora, é lógico...
numa escola assim vai ser fácil
estudar, trabalhar, crescer,
fazer amigos, educar-se,
ser feliz."



de Paulo Freire

- Percebemos que o garoto Pilar frequentava a escola por obrigação e não pelo desejo de passar momentos com seus colegas ou de fazer lições as quais julgava interessantes. E com a negligência e o autoritarismo demonstrados pelo professor, essa situação se tornava ainda mais difícil.
- De que forma o professor Policarpo poderia criar condições para que seus alunos, em particular Pilar, pudesse se "amarrar nela", conforme ressalta Freire?
- Como podemos relacionar a experiência do aluno Pilar com a descrição apresentada no poema?

Entre Pais e Mães: Pai contra Mãe e O Caso da Vara

Encontro 3	ENTRE PAIS E MÃES
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Diálogo sobre as percepções estético-afetivas derivadas da leitura dos contos “Pai contra mãe” e “O caso da vara”; - Compartilhamento de trechos selecionados com explicações e reflexões relacionadas à prática docente; - Análise dos contos “Pai contra mãe” e “O caso da vara” e debate sobre os discursos minoritários contemporâneos, contemplando questões raciais e de gênero na atualidade; - Exibição e análise do vídeo sobre crime de racismo no ambiente universitário.
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do desenvolvimento da experiência estético-reflexiva dialógica; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática do conto machadiano; - Identificar a justaposição de múltiplas perspectivas na narrativa machadiana e suas respectivas relativizações; - Debater sobre as questões raciais e de gênero na atualidade e relacioná-las com os contrastes irônicos estilizados nos contos machadianos “Pai contra mãe” e “O caso da vara”.
Eixo temático	Discursos minoritários contemporâneos
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	<p>Conto “O caso da vara”, de Machado de Assis. Disponível em: http://biblio.com.br/default.asp?link=http://biblio.com.br/conteudo/MachadodeAssis/ocasodavara.htm</p> <p>Conto “Pai contra mãe”, de Machado de Assis. Disponível em:</p>

<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000245.pdf>

Reportagem “Estudantes relatam casos de crime de racismo no ambiente universitário” exibida pelo Fantástico em 13/05/2018. Disponível em:

<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/05/estudantes-relatam-casos-de-crime-de-racismo-no-ambiente-universitario.html>

O narrador, no início da história, em um tom supostamente imparcial e historiográfico, descreve os aparelhos de dominação utilizados na época da vigência da escravidão, dentre eles a máscara de folha de flandres:



Máscara de folha de flandres.

Um deles era o ferro ao pescoço, outro o ferro ao pé; havia também a máscara de folha de flandres. A máscara fazia perder o vício da embriaguez aos escravos, por lhes tapar a boca. Tinha só três buracos, dois para ver, um para respirar, e era fechada atrás da cabeça por um cadeado. Com o vício de beber, perdiam a tentação de furtar, porque geralmente era dos vinténs do senhor que eles tiravam com que matar a sede, e aí ficavam dois pecados extintos, e a sobriedade e a honestidade certas. Era grotesca tal máscara, mas a ordem social e humana nem sempre se alcança sem o grotesco, e alguma vez o cruel. (p. 303) - (grifo nosso)

Sempre que uma instituição e seu aparato ideológico é suplantado, novas e modernas metodologias se avultam para marcar as renovações vindouras.

Ao longo do tempo, na instituição escolar, experimentamos várias oscilações de práticas político-pedagógicas que foram revisitadas e substituídas. Entretanto, mesmo ultrapassadas, sabemos que muitas delas resistem ao tempo e às novas exigências; além disso, ainda encontramos quem queira ressuscitá-las, sob a alegação de terem sido eficazes outrora, tomando-as anacronicamente.

- No seu espaço escolar, como lida com o discurso desmedido da utilização do grotesco sob a suposta alegação da manutenção da ordem e do progresso? Que aparatos metodológicos grotescos perpassam sua escola?

Segundo o historiador social Sidney Chalhoub, Machado tem fixação por personagens femininas, as quais têm de lidar com a questão da dominação, do arbítrio e da violência masculinos (o que denota um tipo de poder relacionado ao gênero), consequência das relações baseadas no paternalismo.

E são essas figuras femininas que se agigantam no meio das histórias e que se destacam como personagens antagônicas, que irão se opor aos protagonistas machadianos em embates ideológicos, os quais resvalam em aspectos de cunho moral, social e político, fazendo-nos refletir sobre nosso posicionamento ético.

- Em tempos de intolerância desmedida contra as mulheres e suas conquistas, como podemos garantir o direito à legítima liberdade do feminino e adotar práticas que visem à equidade nos espaços escolares?

“Nem todas as crianças vingam”, essa lítotes intencional destaca as contradições sociais como uma justificativa para aqueles que estavam certamente fadados ao sofrimento. E Arminda pertencia àquela classe. Negra e escrava teve seu estado de mínima condição humana negado, nem mesmo da possibilidade natural de ser mãe pôde gozar.

- A partir dessa perspectiva, podemos estabelecer um trabalho interdisciplinar com a área de História e Sociologia a fim de investigarmos a temática da maternidade no Brasil, buscando compreender os avanços e/ou os retrocessos das políticas públicas referentes a essa natureza; as condições concretas dos projetos que amparam a mulher e traçar um perfil histórico dessa construção social.

Pai contra mãe

Em um momento de descontração entre Damião e Sinhá Rita, o rapaz se põe a lhe contar anedotas, fazendo-a rir, e também a uma de suas escravas, a menina Lucrecia. A demonstração sensível dessa criança é vista como algo a ser evitado por sua senhora, que a adverte:

— *Lucrecia, olha a vara!*

A pequena abaixou a cabeça, aparando o golpe, mas o golpe não veio. Era uma advertência; se à noitinha a tarefa não estivesse pronta, Lucrecia receberia o castigo do costume. (p. 213)

Nesse instante, Damião (responsável pela repreensão da garota) apresenta uma memória de futuro quando, para si mesmo, compromete-se a defender Lucrecia perante sua senhora, pois prevê seus possíveis castigos frente a um comportamento incoerente com sua postura de escrava. Mesmo dentro da casa de sua senhora e junto de outros pares no afazer doméstico, na feitura delicada dos bordados, não competia a ela se enveredar nas conversas e nas diversões prosaicas senhoris.

Com isso, constatamos, mais uma vez, a forma como os heróis machadianos apresentam uma ambivalência interna à medida que eles subvertem o que pensam e persuadem suas próprias consciências.

Damião olhou para a pequena; era uma negrinha, magricela, um frangalho de nada, com uma cicatriz na testa e uma queimadura na mão esquerda. Contava onze anos. Damião reparou que tossia, mas para dentro, surdamente, a fim de não interromper a conversação. Teve pena da negrinha, e resolveu apadrinhá-la, se não acabasse a tarefa. Sinhá Rita não lhe negaria o perdão... Demais, ela rira por achar-lhe graça; a culpa era sua, se há culpa em ter chiste. (p. 213-214)

Embora saibamos das intenções de Damião em proteger a menina Lucrecia, verificamos que suas atitudes não são condizentes com a sua prática, pois quando as boas intenções confrontam com nossos interesses, nós entregamos a “vara” para que possamos nos furtar do sofrimento, fazendo com que este recaia sobre o outro.

- Assim como Damião, já vivenciou situações, na lida cotidiana escolar, em que demonstrou empatia para com alguém, prometendo-lhe interseção (mesmo que só para si) e, em uma circunstância singular, seus interesses pessoais se confrontaram diretamente com as aspirações dessa pessoa? Foi fiel a suas intenções? Se mudou de ideia no desenrolar da ação, o que o fez demover-se de seu propósito original?

Percebemos na história o quão favorável era aquela sociedade para o homem, sobretudo branco e com recursos, em tempos de regime paternalista. Damião, mesmo podendo estar errado pelo fato de ter fugido do seminário e desobedecido seu pai, é acolhido por Sinhá Rita em sua casa, além de receber dela intercessão junto a seu padrinho. Entretanto, a mesma sorte não teve a negrinha Lucrecia.

Criança, negra e escrava, sua condição social e racial é que determinava seu destino. Nem à manifestação de uma satisfação sensorial teve direito (rir-se da anedota de Damião). Distraiu-se em seus afazeres, e, não conseguindo terminar seu trabalho a tempo, foi ameaçada de castigo. Debalde, recorre a Damião (aquele mesmo que antes lhe confiara intercessão – em pensamento – e, nem assim, consegue se livrar da punição).

— Dê-me a vara, Sr. Damião!

Damião chegou a caminhar na direção da marquesa. A negrinha pediu-lhe então por tudo o que houvesse mais sagrado, pela mãe, pelo pai, por Nosso Senhor...

— Me acuda, meu sinhô moço!

Sinhá Rita, com a cara em fogo e os olhos esbugalhados, instava pela vara, sem largar a negrinha, agora presa de um acesso de tosse. Damião sentiu-se compungido; mas ele precisava tanto sair do seminário! Chegou à marquesa, pegou na vara e entregou-a a Sinhá Rita. (p. 218)

- Em nosso espaço de ação, na escola, como podemos garantir que os sujeitos social e economicamente desfavorecidos tenham seus direitos (de toda sorte) reconhecidos e suas manifestações validadas?

Entre Almas: *O Espelho*

Encontro 4	ENTRE ALMAS
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão e compartilhamento da experiência estética da leitura do conto "O espelho"; - Compartilhamento de trechos selecionados com explanações e reflexões relacionadas à prática docente; - Debate sobre questões éticas, políticas e sociais relacionadas às concepções identitárias na docência, a partir das situações apresentadas na narrativa machadiana;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do desenvolvimento da experiência estético-reflexiva dialógica; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática do conto machadiano; - Debater sobre a identidade docente na escola contemporânea a partir das situações apresentadas na narrativa de "O espelho".
Eixo temático	Concepções identitárias na docência – Questões éticas, políticas e sociais.
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	Conto "O espelho", de Machado de Assis. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000240.pdf Trailer de "O enfermeiro". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vCki_U2GoDw

Desafiado por seus companheiros a provar suas afirmações acerca de algo que lhe havia sucedido, Jacobina faz uma longa explanação sobre as motivações de ordem pessoal e profissional que o marcaram em um evento singular em sua vida:

Em primeiro lugar, não há uma só alma, há duas...

- Duas?

- Nada menos de duas almas. Cada criatura humana traz duas almas consigo: uma que olha de dentro para fora, outra que olha de fora para dentro... Espantem-se à vontade, podem ficar de boca aberta, dar de ombros, tudo; não admito réplica. Se me replicarem, acabo o charuto e vou dormir. A alma exterior pode ser um espírito, um fluido, um homem, muitos homens, um objeto, uma operação. (p. 50)

- O que você pensa sobre a afirmação do narrador machadiano de que nós temos duas almas e não apenas uma?
- Tal qual fez Jacobina na história narrada, reflita sobre os fatores que alimentam suas almas interna e externa.

Na explanação a seus amigos sobre as matérias que alimentam nossas almas e sobre a importância delas para a constituição do sujeito, nosso colega alferes diz que:

Está claro que o ofício dessa segunda alma é transmitir a vida, como a primeira; as duas completam o homem, que é, metafisicamente falando, uma laranja. Quem perde uma das metades, perde naturalmente metade da existência; e casos há, não raros, em que a perda da alma exterior implica a da existência inteira. (p. 50)

- E você? Percebe que há um equilíbrio entre as suas duas almas? Ou há a preponderância de uma?
- Qual parte lhe diz verdadeiramente do homem? Reflita sobre essa questão.

Ao relatar sobre a preponderância da alma exterior sobre a alma interior e as consequências desse evento, Jacobina, declara enfaticamente:

O alferes eliminou o homem.

Aconteceu então que a alma exterior, que era dantes o sol, o ar, o campo, os olhos das moças, mudou de natureza, e passou a ser a cortesia e os rapapés da casa, tudo o que me falava do posto, nada do que me falava do homem. A única parte do cidadão que ficou comigo foi aquela que entendia com o exercício da patente; a outra dispersou-se no ar e no passado. Custa-lhes acreditar, não?

- Custa-me até entender, respondeu um dos ouvintes. (p. 53)

- O que alimenta suas almas na escola hoje?
- Como faz para mantê-las em equilíbrio?
- Muitas vezes nos sentimos tentados a agir inadvertidamente, no ambiente de trabalho, em busca da satisfação de nossa alma exterior, colocando em risco a parte que alimenta nosso ser humano interior. É possível articular nossas atividades laborais e nossos momentos de formação a fim de que eles nos auxiliem a equilibrar o alimento de nossas almas?

Como não conseguia se perceber nem mesmo em frente ao espelho, resolve buscar a farda e, só então pôde se ver nitidamente e encontrar um sentido, um significado para sua condição:

- Lembrou-me vestir a farda de alferes. Vesti-a, aprontei-me de todo; e, como estava defrente do espelho, levantei os olhos, e... não lhes digo nada; o vidro reproduziu então a figura integral; nenhuma linha de menos, nenhum contorno diverso; era eu mesmo, o alferes, que achava, enfim, a alma exterior. Essa alma ausente com a dona do sítio, dispersa e fugida com os escravos, ei-la recolhida no espelho. (p. 58)

- E você, professor, o que vê quando se olha no espelho?
- O que percebe refletido quando está longe dos instrumentos com os quais trabalha?
- Como realizar um exercício exotópico na escola e propiciar a nossos alunos momentos nos quais eles possam refletir sobre a matéria que alimenta suas almas e maneiras de equilibrá-las?

Entre Patrões e Empregados: *O Enfermeiro*

Encontro 5	ENTRE PATRÕES E EMPREGADOS
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão e compartilhamento da experiência estética da leitura do conto “O enfermeiro”; - Compartilhamento de trechos selecionados com explicações e reflexões relacionadas à vivência docente; - Debate sobre os dilemas éticos e os processos de subjetivação e objetivação na docência, a partir das situações apresentadas na narrativa machadiana;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do desenvolvimento da experiência estético-reflexiva dialógica; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática do conto machadiano; - Debater sobre os dilemas de ordem ética na docência a partir das situações apresentadas na narrativa de “O enfermeiro”.
Eixo temático	Dilemas éticos e processos de subjetivação e objetivação na docência.
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	Conto “O enfermeiro”, de Machado de Assis. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000265.pdf

Procópio, em um exercício de reflexão sobre sua existência no final da vida, relata, como forma de documentação de experiência humana, um episódio de sua vida profissional que teria determinado seu futuro financeiro. Não apenas a condição social em que se encontrava, mas também os reflexos e marcas de ordem psicológica que ajudaram a determinar o sujeito em sua formação.

Adeus, meu caro senhor, leia isto e queira-me bem; perdoe-me o que lhe parecer mau, e não maltrate muito a arruda, se lhe não cheira a rosas. Pediu-me um documento humano, ei-lo aqui. (p. 89)

Pelo fato de lidarmos com seres humanos e, por extensão, com suas imperfeições e contradições, é possível que nos deparemos constantemente com situações embaraçosas as quais demandam uma postura mais assertiva, sobretudo quando assumimos o papel de liderança na sala de aula.

Na função de enfermeiro, no caso de Procópio, não foi diferente. Este teve de lidar com o mau humor e o destempero do coronel, com quem convivia e de quem era o único cuidador.

No oitavo dia, entrei na vida dos meus predecessores, uma vida de cão, não dormir, não pensar em mais nada, recolher injúrias, e, às vezes, rir delas, com um ar de resignação e conformidade; reparei que era um modo de lhe fazer corte. Tudo impertinências de moléstia e do temperamento. A moléstia era um rosário delas, padecia de aneurisma, de reumatismo e de três ou quatro afecções menores. Tinha perto de sessenta anos, e desde os cinco toda a gente lhe fazia a vontade. Se fosse só rabugento, vá; mas ele era também mau, deleitava-se com a dor e a humilhação dos outros. No fim de três meses estava farto de o aturar; determinei vir embora; só esperei ocasião. (p. 90-91)

- Já passou por situações que julgou constrangedoras e humilhantes na escola? Como reagiu a elas?
- Já agiu por impulso no exercício da sua profissão e se arrependeu?

Percebemos que durante a narração, Procópio apresenta os processos de pensamento sobre os quais elabora, em uma tentativa de perdoar-se, justificando suas ações de ataque ao coronel, tentando conciliar-se com sua consciência, a qual teima em cobrá-lo moralmente as atitudes que cometeu em um momento de fúria sobre humana e de inconsciência, em que age por impulso; talvez como consequência das constantes humilhações a que era submetido pelo coronel, seu patrão.

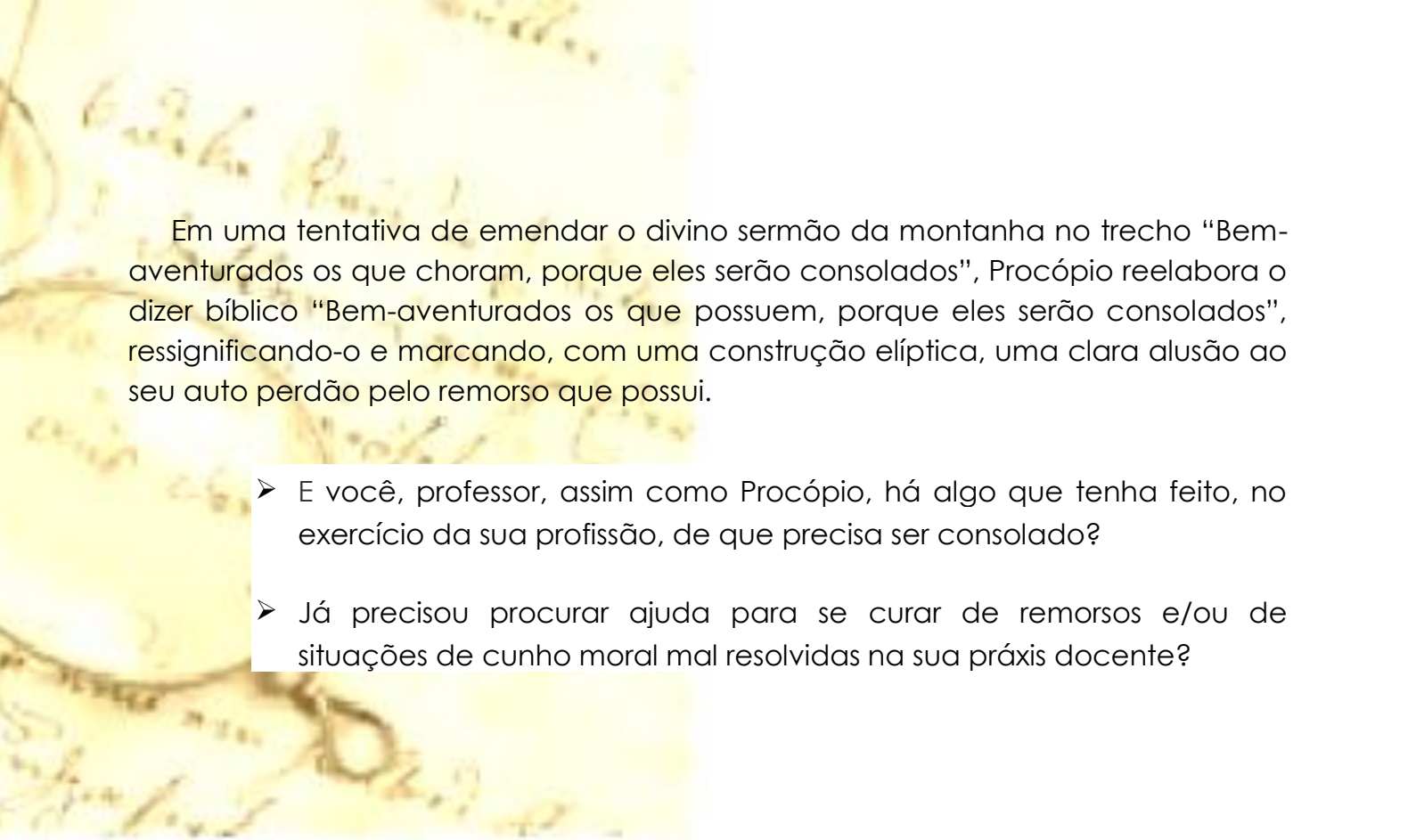
A imaginação ia reproduzindo as palavras, os gestos, toda a noite horrenda do crime...

Crime ou luta? Realmente, foi uma luta em que eu, atacado, defendi-me, e na defesa... Foi uma luta desgraçada, uma fatalidade. Fixei-me nessa ideia. E balanceava os agravos, punha no ativo as pancadas, as injúrias... Não era culpa do coronel, bem o sabia, era da moléstia, que o tornava assim rabugento e até mau... Mas eu perdoava tudo, tudo... O pior foi a fatalidade daquela noite... Considerei também que o coronel não podia viver muito mais; estava por pouco; ele mesmo o sentia e dizia. Viveria quanto? Duas semanas, ou uma; pode ser até que menos. Já não era vida, era um molambo de vida, se isto mesmo se podia chamar ao padecer contínuo do pobre homem... E quem sabe mesmo se a luta e a morte não foram apenas coincidentes? Podia ser, era até o mais provável; não foi outra coisa. Fixei-me também nessa ideia... (p. 97)

E você, costuma refletir sobre suas atitudes de ordem profissional e pessoal, a fim de se ajustar com a sua consciência? Como costuma lidar com remorsos e/ou frustrações que, por ventura, possa ter no decorrer da sua função docente?

Meti os olhos no chão, e fui andando. Quando tudo acabou, respirei. Estava em paz com os homens. Na o estava com a consciência, e as primeiras noites foram naturalmente de desassossego e aflição. (p. 95)

- Como costuma lidar com as pressões externas a que é constantemente submetido em seu ambiente de trabalho?
- De que forma pode refletir sobre os sujeitos aprendizes com os quais convive e enxergá-los como coparticipantes das diversas circunstâncias em que são enredados? Como promover a constante reflexão acerca das causas e das consequências das ações que empreendemos como sujeitos autônomos?



Em uma tentativa de emendar o divino sermão da montanha no trecho “Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados”, Procópio reelabora o dizer bíblico “Bem-aventurados os que possuem, porque eles serão consolados”, resignificando-o e marcando, com uma construção elíptica, uma clara alusão ao seu auto perdão pelo remorso que possui.

- E você, professor, assim como Procópio, há algo que tenha feito, no exercício da sua profissão, de que precisa ser consolado?
- Já precisou procurar ajuda para se curar de remorsos e/ou de situações de cunho moral mal resolvidas na sua práxis docente?

Entre Pais e Filhos: Teoria do Medalhão

Encontro 6	ENTRE PAIS E FILHOS
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento do acontecimento estético-afetivo proveniente da leitura do conto "Teoria do Medalhão"; - Compartilhamento de trechos selecionados com explanações e reflexões relacionadas à prática docente; - Reflexão acerca das máscaras sociais e das relações sociais fragilizadas no ambiente escolar, propiciadas pela compreensão das situações estilizadas na prosa machadiana;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Participar do desenvolvimento da experiência estético-reflexiva dialógica; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática do conto machadiano; - Discutir sobre o papel do docente frente às máscaras sociais e às relações sociais fragilizadas (a linguagem midiática, a edição da vida, a manipulação do discurso) a partir das situações apresentadas na narrativa de "Teoria do Medalhão".
Eixo temático	As máscaras sociais e as relações sociais fragilizadas (a linguagem midiática, a edição da vida, a manipulação do discurso)
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	<p>Conto "Teoria do Medalhão", de Machado de Assis. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000232.pdf</p> <p>Trecho do texto: "O encontro de Machado e Paris Hilton". Disponível em: https://noticias.bol.uol.com.br/entretenimento/2008/12/25/ult4738u18547.jhtm</p>

A véspera de completar 21 anos e alcançar a maturidade, um pai preocupado com a bagagem moral e educacional que legaria a seu filho, instaura com este um diálogo, pregando uma espécie de doutrina filosófica. Tal exercício objetivava a formação da figura do medalhão, sujeito que, por meio das relações sociais forjadas, das amizades e das influências, acende pública e socialmente em uma sociedade, sem carregar em si valores substanciais que o preparam para a destacada posição.

Vinte e um anos, meu rapaz, formam apenas a primeira sílaba do nosso destino. Os mesmos Pitt e Napoleão, apesar de precoces, não foram tudo aos vinte e um anos. Mas qualquer que seja a profissão da tua escolha, o meu desejo é que te faças grande e ilustre, ou pelo menos notável, que te levantes acima da obscuridade comum. (p. 37-38)

- Assim como aquele jovem de 21 anos, também nós tivemos de passar pelas mais diversas escolhas até chegarmos onde estamos hoje. E você, professor, quais as razões o levaram a ocupar o lugar e a posição que tem hoje?
- Está satisfeito com sua posição atualmente? Sente necessidade, de assim como aquele pai, levantar-se acima da obscuridade comum? Como lida com essa relação?

Ao orientar seu filho na busca pela construção social da figura do medalhão da nossa Oitocentos, percebemos que o pai pontua as abdições necessárias para esse exercício, sobretudo com relação ao plano das ideias:

- Venhamos ao principal. Uma vez entrado na carreira, debes pôr todo o cuidado nas ideias que houeres de nutrir para uso alheio e próprio. O melhor será não as ter absolutamente; coisa que entenderás bem, imaginando, por exemplo, um ator defraudado do uso de um braço. Ele pode, por um milagre de artifício, dissimular o defeito aos olhos da platéia; mas era muito melhor dispor dos dois. O mesmo se dá com as idéias; pode-se, com violência, abafá-las, escondê-las até à morte; mas nem essa habilidade é comum, nem tão constante esforço conviria ao exercício da vida. (p. 38)

- E você, professor? Alguma vez, no ambiente de trabalho, já foi aconselhado a abafar as suas ideias, a não legitimá-las sob o pretexto da manutenção da

ordem pública e social em prol das organizações preestabelecidas, a não questionar e aceitar as políticas educacionais conforme elas nos são apresentadas?

- Da mesma forma, como garantir o direito aos nossos alunos de se expressarem, de legitimarem seus anseios e aspirações e questionarem criticamente os padrões estabelecidos em uma instituição como a escola, tão marcada por negligências governamentais?

Muitas vezes, questionando os limites e as obrigações necessárias impostas pela escola, (sem verdadeiramente entendê-las, como o cumprimento das tarefas diárias, das leituras essenciais, dentre outros), alimentados pelo convívio com as redes sociais, com as *fake news*, com os discursos prontos (ditos, reditos, mas nem por isso entendidos), percebemos com facilidade o crescimento de uma parcela de sujeitos acrílicos, que aceitam os diversos tons de “verdade” que lhes são introjetados.

- Tu, meu filho, se me não engano, pareces dotado da perfeita inópia mental, conveniente ao uso deste nobre ofício. Não me refiro tanto à fidelidade com que repetes numa sala as opiniões ouvidas numa esquina, e vice-versa, porque esse fato, posto indique certa carência de idéias, ainda assim pode não passar de uma traição da memória. Não; refiro-me ao gesto correto e perfilado com que usas expender francamente as tuas simpatias ou antipatias acerca do corte de um colete, das dimensões de um chapéu, do ranger ou calar das botas novas. Eis aí um sintoma eloqüente, eis aí uma esperança, No entanto, podendo acontecer que, com a idade, venhas a ser afligido de algumas idéias próprias, urge aparelhar fortemente o espírito. As idéias são de sua natureza espontâneas e súbitas; por mais que as sofremos, elas irrompem e precipitam-se. Daí a certeza com que o vulgo, cujo faro é extremamente delicado, distingue o medalhão completo do medalhão

- Qual fácil é manter o *status quo* na preservação da inópia mental de que são vítimas muitos sujeitos com os quais convivemos?
- Qual o nosso papel na contramão dessa investida para a construção de sujeitos críticos e politicamente engajados?

Entre Homens e Mulheres: Noite De Almirante

Encontro 7	ENTRE HOMENS E MULHERES
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento do acontecimento estético-afetivo proveniente da leitura do conto “Noite de almirante”; - Compartilhamento de trechos selecionados com explanações e reflexões relacionadas à prática docente; - Reflexão acerca das máscaras sociais e das relações sociais fragilizadas no ambiente escolar, propiciada pela compreensão das situações estilizadas na prosa machadiana;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Compartilhar percepções da experiência estética interpelativa no processo de formação docente; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática da narrativa de “Noite de Almirante”; - Discutir sobre os papéis sociais na escola (os gêneros e a docência) a partir das situações estilizadas no conto machadiano.
Eixo temático	Os papéis sociais na escola (os gêneros e a docência)
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	Conto “Noite de Almirante”, de Machado de Assis. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000208.pdf

Deolindo deixaria o serviço na Marinha, e Genoveva o acompanharia para a vila mais recôndita no interior. Tais eram os planos imponderados do jovem casal, o qual foi prontamente dissuadido por Dona Inácia, a senhora com quem morava Genoveva.

Apesar de terem sonhado e planejado essa possibilidade, tal projeto precisou ser descartado e repensado por questões outras. Entretanto, quando se viram na obrigação de se separarem por razões de viagem de trabalho do moço, decidiram logo firmar um combinado:

Estava celebrado o contrato. Não havia descer da sinceridade de ambos; ela chorava doidamente, ele mordida o beijo para dissimular. Afinal separaram-se, Genoveva foi ver sair a corveta e voltou para casa com tal aperto que parecia que “lhe ia dar uma coisa”. Não deu nada, felizmente; os dias foram passando, as semanas, os meses, dez meses, ao cabo dos quais a corveta tornou e Deolindo com ela. (p. 193-194) [grifo nosso]

Por ter mudado de ideia durante o período de ausência do amado e ter se apaixonado pelo mascate José Diogo, nesse ínterim, Genoveva é tida como imprudente pela velha Inácia, a qual dizia que a moça “andava com a cabeça maluca”.

- E você, professor, assim como Genoveva, também já lhe ocorreu de ter de mudar o rumo de planos e expectativas no curso de algum projeto que concebera como precipitado?
- Já foi considerado “maluco” por ter se posicionado contrário a uma imposição em seu ambiente de trabalho? Ou “traidor” por ter tido de voltar atrás em alguma decisão tomada previamente?

Genoveva, depois de ter sido questionada pelo seu antigo namorado sobre as razões pelas quais mudara de ideia sobre o compromisso que assumira com ele, explica-se:

Contou-lhe então tudo, as saudades que curtira, as propostas do mascate, as suas recusas, até que um dia, sem saber como, amanhecera gostando dele. — Pode crer que pensei muito e muito em você. Sinhá Inácia que lhe diga se não chorei muito... Mas o coração mudou... Mudou... Conto-lhe tudo isto, como se estivesse diante do padre, concluiu sorrindo. Não sorria de escárnio. A expressão das palavras é que era uma mescla de candura e cinismo, de insolência e simplicidade, que desisto de definir melhor. Creio até que insolência e cinismo são mal aplicados. Genoveva não se defendia de um erro ou de um perjúrio; não se defendia de nada; faltava-lhe o padrão moral das ações. O que dizia, em resumo, é que era melhor não ter mudado, dava-se bem com a afeição do Deolindo, a prova é que quis fugir com ele; mas, uma vez que o mascate venceu o marujo, a razão era do mascate, e cumpria declará-lo. Que vos parece? O pobre marujo citava o juramento de despedida, como uma obrigação eterna, diante da qual consentira em não fugir e embarcar: "Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte". Se embarcou, foi porque ela lhe jurou isso. Com essas palavras é que andou, viajou, esperou e tornou; foram elas que lhe deram a força de viver. Juro por Deus que está no céu; a luz me falte na hora da morte... — Pois, sim, Deolindo, era verdade. Quando jurei, era verdade. Tanto era verdade que eu queria fugir com você para o sertão. Só Deus sabe se era verdade! Mas vieram outras coisas... Veio este moço e eu comecei a gostar dele... (p. 196-197)

Já precisou voltar atrás de uma decisão por considerar ter tomado uma atitude precipitada? Como a comunicou? Como se sentiu ao comunicá-la? Acha que foi compreendido pela outra parte?

- Assim como Deolindo, em algum momento, já teve a experiência de ter tido um "contrato" quebrado no ambiente de trabalho? Como se sentiu? Como costuma reagir em situações em que percebe deslealdade por parte de outros pares?

Na sociedade hegemonicamente patriarcal em que vivia Genoveva, atitudes de ruptura e de audácia como as demonstradas pela personagem denotam o protagonismo da mulher dos Oitocentos. À luz da onomástica, **Genoveva** significa **aquela que tece**. E temos que ela foi, de fato, a única responsável pela tessitura de seu destino, capaz de decidir sobre suas escolhas, assumir as respectivas consequências, não se posicionando como vítima das circunstâncias.

Nesse sentido, sobre o desentendimento que houve entre ela e Dona Inácia, a senhora em cuja casa a jovem morava, temos a versão da dona da casa:

Foi o motivo da nossa briga. José Diogo não me saía da porta; eram conversas e mais conversas, até que um dia disse que não queria a minha casa difamada. Ah! Meu pai do céu! Foi um dia de juízo. Genoveva investiu para mim com uns olhos desse tamanho, dizendo que nunca difamou ninguém e não precisava de esmolas. Que esmolas, Genoveva? O que digo é que não quero esses cochichos à porta, desde às ave-marias... Dois dias depois estava mudada e brigada comigo. (p. 195)

Como a atitude de uma mulher que age contra os padrões naturalizados e esperados da figura feminina pela sociedade seria vista hoje? A que sanções morais esta mulher seria submetida?

- E na escola? Você percebe tratamento diferenciado dispensado às mulheres em ambientes de aprendizagem?
- De que forma podemos garantir que as diferenças de gêneros não imputem limites em nossos alunos?

Entre Deus e o Diabo: *A Igreja do Diabo*

Encontro 8	ENTRE DEUS E O DIABO
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Acolhimento do acontecimento estético-afetivo proveniente da leitura do conto "A igreja do Diabo"; - Socialização de trechos selecionados com explanações e reflexões relacionadas à prática docente; - Reflexão acerca do politicamente correto na docência, propiciada pela compreensão das situações estilizadas no conto machadiano;
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Socializar as reflexões sobre a experiência estética interpelativa no processo de formação docente; - Refletir sobre a práxis docente motivado pela discussão e análise da temática da narrativa de "A igreja do Diabo"; - Discutir sobre o politicamente correto na docência a partir das situações estilizadas no conto machadiano.
Eixo temático	O politicamente correto na docência
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	Conto "A igreja do Diabo", de Machado de Assis. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf Vídeo "O enterro da igreja". Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=3blm16FUfSo

Na avaliação de metodologias e abordagens empregadas nas diversas instituições de ensino, criticar os dissabores de outros gestores e apontar soluções para os problemas alheios constitui-se tarefa fácil, sobretudo quando não vivenciamos a construção e a razão daquele fazer. É o que entendemos alegoricamente com a declaração sugestiva que o Diabo, em tom duelador, faz a Deus, quando anuncia sua intenção de fundar sua própria igreja: *“Há muitos modos de afirmar; há só um de negar tudo”* (p. 347). E, assim, de maneira aparentemente simplista, o Diabo propõe sua nova doutrina, fundamentada na tão somente contestação e negação dos preceitos divinos. Como consegue enxergar as razões pelas quais seu rival falha na manutenção dos fiéis, elabora uma solução extraordinária.

- E, você, professor, já lhe ocorreu de, assim como o Diabo, apontar falhas nos projetos e em articulações de outrem e encontrar alternativas simples de se colocar em prática para a superação do fracasso destes?

Depois de tentar convencer a Deus de que sua política divina é falha e de que sua doutrina suplantará a antiga, apontando e justificando as imperfeições e as insatisfações dos seguidores da igreja de Deus, este o repreende e afirma:

Tudo o que dizes ou digas está dito e redito pelos moralistas do mundo. É assunto gasto; e se não tens força, nem originalidade para renovar um assunto gasto, melhor é que te cales e te retires. Olha; todas as minhas legiões mostram no rosto os sinais vivos do tédio que lhes dás. (p.349)

Na grande área das Ciências Humanas em que atuamos, lidamos com assuntos e ensinamos conteúdos que, há muito, também já estão ditos e reditos (e nem sempre entendidos!). E se não tivermos força ou originalidade para renovarmos um assunto gasto, fatalmente estaremos fadados à reprodução do tédio e da monotonia.

- Como podemos lidar estrategicamente com os assuntos que temos de ensinar, pensando em novas abordagens e metodologias de ensino a fim de motivarmos nosso alunado, aguçando a curiosidade deste?

Na pregação de sua doutrina, quando da boa nova aos homens, o Diabo lhes esclarece que a venalidade constitui o exercício de um direito superior a todos os direitos garantidos aos seus fiéis.

Se tu podes vender a tua casa, o teu boi, o teu sapato, o teu chapéu, coisas que são tuas por uma razão jurídica e legal, mas que, em todo caso, estão fora de ti, como é que não podes vender a tua opinião, o teu voto, a tua palavra, a tua fé, coisas que são mais do que tuas, porque são a tua própria consciência, isto é, tu mesmo? Negá-lo é cair no obscuro e no contraditório. Pois não há mulheres que vendem os cabelos? Não pode um homem vender uma parte do seu sangue para transfundi-lo a outro homem anêmico? E o sangue e os cabelos, partes físicas, terão um privilégio que se nega ao caráter, à porção moral do homem? (p. 352)

Ardil e habilidoso em sua argumentação, não foi difícil para o Diabo congregar multidões ao redor de si com suas propostas atraentes com lucros infinitos para os afiliados a partir de um discurso subversor.

As turbas corriam atrás dele entusiasmadas. O Diabo incutia-lhes, a grandes golpes de eloquência, toda a nova ordem de coisas, trocando a noção delas, fazendo amar as perversas e detestar as sãs. (p. 351)

- Em nossa sociedade, quão fácil é ser dissuadido por um discurso subversivo cujo argumento nos parece confortador e coerente?
- Assim como os afiliados do Diabo, você já foi conquistado por uma proposta de cunho político-social, em que acreditou e pela qual sacrificou seus esforços, e depois se percebeu enganado?
- Qual a relação que se pode estabelecer entre a figura do Diabo machadiano e a do professor enquanto elemento subversor e/ou instaurador de questionamentos?
- Quais estratégias podemos utilizar para lidar fluentemente com o discurso alheio, de modo a desentranhar dele suas intenções mais sutis, constituindo-nos como leitores críticos em uma sociedade cada vez mais bombardeada pelas *fake news*?

Com seu discurso eloquente, pensava traduzir os anseios dos fiéis divinos e, na tentativa de seduzi-los, propunha a eles, em contrapartida, as conveniências da sua nova política:

Ele prometia aos seus discípulos e fiéis as delícias da terra, todas as glórias, os deleites mais íntimos. Confessava que era o Diabo; mas confessava-o para retificar a noção que os homens tinham dele e desmentir as histórias que a seu respeito contavam as velhas beatas.

- Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil a airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo... (p. 350)

- E você, professor, já pensou em como seria uma escola em que tudo fosse permitido? Virtudes subvertidas e regras transgredidas sob a simples alegação da negação de leis e da não aceitação a padrões anteriores?
- Qual o limite entre o permitido e o não permitido na escola? Como você vê o politicamente correto na escola?

Entre Professores: Narração e Reflexão

Encontro 9	“ENTRE PROFESSORES”
Exercício exotópico	<ul style="list-style-type: none"> - Relatos de experiência sobre a aplicação do conjunto de atividades de leitura de literatura; - Socialização das narrativas docentes produzidas durante o projeto de formação. - Avaliação dos encontros formativos.
Prática dialógica	<ul style="list-style-type: none"> - Narrar a experiência da aplicação do conjunto de atividades de leitura de literatura em sala de aula; - Compartilhar as narrativas docentes produzidas durante o projeto de formação. - Avaliar os encontros formativos.
Eixo temático	Socialização das narrativas docentes e avaliação do projeto de formação.
Metodologia	Arena dialógica
Duração	2 horas
Corpus utilizado	Narrativas produzidas pelos docentes participantes do projeto de formação.

MACHADO EM DIÁLOGO COM A FORMAÇÃO DOCENTE: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Nesta parte, apresentaremos algumas sugestões de trabalho concreto, nascidas das práticas exotópicas e dialógicas dos *EnContos com Machado*, descritos na seção anterior. Essas propostas tomam por base os contos clássicos machadianos como eixo condutor para uma interlocução possível com esses textos literários nas aulas da grande área de humanidades no Ensino Médio.

Guia de planejamento para a leitura

Apresentaremos, na sequência, a organização dos subtítulos constantes do Guia de planejamento para a leitura, comum a todos os diálogos propostos, e uma breve exposição desses elementos.

Pra início de Conversa

Eixo Lexical – Palavra
puxa Palavra

- **Antroponímia: o sujeito na história**
- **Toponímia: o lugar na fala**

De olho na História

Outros Encontros

Clássico puxa Clássico

Pra início de conversa

Nesse item apresentamos o contexto de produção do texto literário utilizado. Nele estão inseridas as informações como, título do texto, local e data da publicação e sinopse.

Eixo lexical – lidando com as palavras

Nesta seção, elencamos palavras, cuja compreensão se torna necessária para o entendimento das histórias. A escolha desses vocábulos não foi feita de modo aleatório, mas intencionalmente e em consonância com os questionamentos realizados durante os encontros formativos.

Antroponímia: o sujeito na história

A antroponímia designa o estudo dos nomes próprios das pessoas, sejam nomes, apelidos ou sobrenome.

Integra uma subseção exclusiva, em que há uma seleção de nomes próprios dos personagens, cuja significação se torna relevante para relacionarmos com os sentidos – na maioria das vezes irônicos – pretendidos pelo autor.

Toponímia: o lugar na fala

A toponímia ocupa-se do estudo dos nomes de lugares, da sua origem e evolução. Nessa perspectiva lexical, selecionamos os topônimos – nomes de lugares – que julgamos pertinentes para a compreensão dos sentidos (também em sua maioria irônicos) da arquitetura estética do autor-contemplador. Observamos, assim, a relação que os nomes dos locais estabelecem com o fato narrado.

Antroponímia e toponímia são ramos de estudo de nomes sob a matriz da **onomástica**, parte da linguística que trata do estudo dos nomes próprios de todos os gêneros, das suas origens e dos processos de denominação no âmbito de uma ou mais línguas ou dialetos.

Destacamos esse ramo linguístico pelo fato de ele ter sido bastante utilizado nas projeções estéticas machadianas, todos intencionalmente elaborados a fim de conformar com construções semânticas específicas.

De olho na história

Nesta parte, procuramos selecionar eventos históricos mencionados no conto e que apresentam uma possibilidade potente e dinâmica para melhor compreendermos o contexto histórico e social dos personagens envolvidos no enredo, de suas ações e possíveis desdobramentos. A compreensão destes é de suma importância para a prática do exercício exotópico intra e extra textual e para a posterior intersecção com a contemporaneidade.

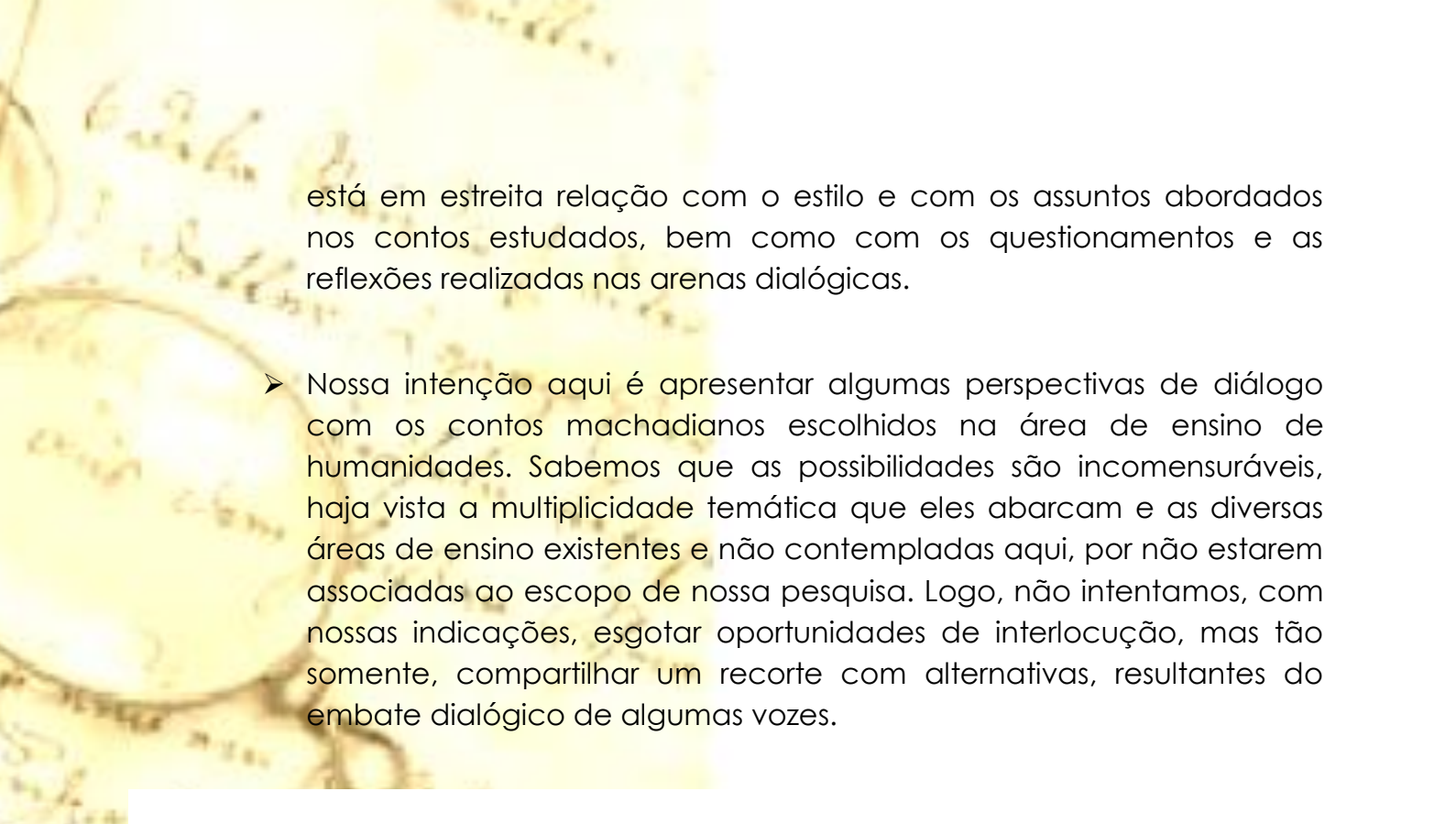
Outros encontros

Aqui apresentamos possibilidades de diálogo com outros temas geradores e possíveis gêneros textuais, estendendo nossa discussão para perspectivas mais abrangentes.

Clássico puxa clássico

Nesta seção recomendamos alternativas de diálogos com outros clássicos, os quais se relacionam com os temas discutidos nos contos analisados.

-
- É importante salientar que a seleção dos itens que compõem os eixos acima são variáveis, e pode acontecer de haver listas maiores ou menores nos diálogos propostos. O número de elementos destacados



está em estreita relação com o estilo e com os assuntos abordados nos contos estudados, bem como com os questionamentos e as reflexões realizadas nas arenas dialógicas.

- Nossa intenção aqui é apresentar algumas perspectivas de diálogo com os contos machadianos escolhidos na área de ensino de humanidades. Sabemos que as possibilidades são incomensuráveis, haja vista a multiplicidade temática que eles abarcam e as diversas áreas de ensino existentes e não contempladas aqui, por não estarem associadas ao escopo de nossa pesquisa. Logo, não intentamos, com nossas indicações, esgotar oportunidades de interlocução, mas tão somente, compartilhar um recorte com alternativas, resultantes do embate dialógico de algumas vozes.
-

A. Diálogos com a escola contemporânea

Pra início de conversa

Sinopse: Conto de escola

Título: Conto de escola

Fonte: Esse conto foi escrito no ano de 1884 e publicado na coletânea Várias Histórias.

Pilar é um garoto que se torna mestre em 'cabular' aulas. Certa manhã, o rapaz resolve variar um pouco e comparece à aula, onde recebe um desafio do colega de classe Raimundo, tudo sussurrado para que o professor nada perceba. Assim começam as reviravoltas dessa história mostrando que a escola também pode ser o palco de lições inesperadas - a corrupção e a delação.

Eixo Lexical – Palavra puxa Palavra

Sueto: 1. feriado escolar; 2. interrupção do trabalho para descansar; folga, descanso, ócio.

Cordovão: couro de cabra, de textura unida, curtido como o marroquim, us. esp. no fabrico de calçados.

Boceta de rapé: pequena caixa redonda, oval ou oblonga, em que se coloca o rapé, tabaco em pó, para cheirar

Antroponímia: o sujeito na história

Pilar: Palavra com origem no latim pila que significa pilar ou fonte.

Policarpo: Aquele que produz muitos frutos.

- Reflita sobre a atribuição dos nomes dos personagens e o sentido irônico a eles estendidos no contexto da história.

Toponímia: o lugar na fala

Morro do Livramento = denota liberdade; **Rua do Costa**; **Morro de São Diogo** = Diogo (nome atribuído ao Diabo); **Campo de Sant`Ana** (mãe de Maria); **Saúde** e **Praia da Gamboa**

- A dilema de Pilar era decidir entre ir para Morro de **São Diogo** = Diogo ou para o Campo de **Sant`Ana**. Relacione o significado desses nomes e as escolhas de Pilar.

De olho na História

A Regência

O Período das Regências na História do Brasil teve início em 1831 com a abdicação de Dom Pedro I e terminou em 1840 com o Golpe da Maioridade. Nesta época o Brasil foi governado por regentes, pois o herdeiro direto ao trono brasileiro, Dom Pedro II, possuía apenas 5 anos com seu pai abdicou e, portanto, não podia assumir o poder.

Disponível em: https://www.historiadobrasil.net/resumos/regencias_brasil.htm. Acesso em 10/04/19.

Menoridade, (in)capacidades, corrupção, delação, poder, punição.

É possível relacionar os atos de corrupção apresentados pelos alunos no *Conto de escola* com os acontecimentos históricos do final da Regência?

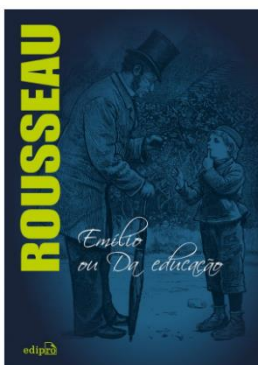
Outros Encontros

Sugerimos um trabalho interdisciplinar na área de Humanidades cujo objetivo seja o desenvolvimento das relações interpessoais na escola e o **protagonismo juvenil**, que implica na edificação das competências Pessoal (aprender a ser), Social (aprender a conviver); Produtiva (aprender a fazer), e Cognitiva (aprender a aprender), além de proporcionar a vivência do respeito aos valores, o comprometimento, e a atuação crítica e política.

Clássico puxa clássico...

Leia também a obra **Emílio**, de Rosseau. Considerado o primeiro tratado sobre a filosofia da educação no mundo ocidental, o romance pedagógico conta a história da educação de Emílio, órfão nobre e rico, do seu nascimento até seu casamento.

Rousseau propõe, por meio de um tratado romanceado, um sistema educativo que permite ao homem natural (bom por natureza) conviver em meio a uma sociedade corrupta. Sua narrativa ilustra como se deve educar o cidadão ideal. Revolucionou a educação da época e serviu como inspiração de um novo sistema educativo nacional durante a Revolução Francesa. Teve grande influencia na pedagogia do século XIX até do século XX.



Emílio ou Da educação

Autor: Jean-Jacques Rousseau
Tradutor: Laurent de Saes

Sinopse: Publicado em 1762, este incontornável clássico da filosofia moderna provoca e fascina o leitor de hoje quase com a mesma intensidade com que chocou o século das Luzes. Rejeitando os métodos pedagógicos de seu tempo, Jean-Jacques Rousseau mostra como é possível educar uma criança segundo a natureza e, com isso, protegê-la dos vícios da sociedade. Mas *Emílio* é muito mais que um tratado de educação. O relato romanceado da vida de um menino, do nascimento até o casamento, forma uma obra rica e desconcertante, que se volta contra os sistemas de pensamento dominantes da época ao mesmo tempo em que contempla todos os temas cruciais da filosofia do século XVIII. No horizonte da pedagogia de Rousseau está a preocupação, essencialmente política, de formar o homem para a sociedade europeia de seu tempo. Na ocasião de sua publicação, o livro foi considerado revolucionário e escandaloso em diversos aspectos, e tanto precipitou os malogros de Rousseau quanto consolidou seu renome como filósofo e escritor. Síntese de décadas de reflexão e resultado de anos de redação, *Emílio* é a obra-mestra para entender o pensamento de Rousseau e uma referência sempre fundamental para a reflexão sobre o problema da educação.

B. Discursos minoritários contemporâneos

Pra início de conversa

Sinopse: Pai contra mãe

Título: Pai contra mãe

Fonte: Esse conto foi publicado originalmente em 1906 na obra Relíquias da Casa Velha.

O personagem principal desse conto é um caçador de escravos que, ao se tornar pai, vê-se diante de uma grave crise financeira. Não tendo como sustentar o filho, precisa levar adiante a decisão de deixar o pequeno na roda dos enjeitados. Do outro lado, uma escrava fugida, grávida, busca a liberdade para o filho ainda em seu ventre. O encontro dos dois revela, porém, que nem todos os nascimentos são bem sucedidos. Machado de Assis, através do conto escrito no auge de sua maturidade, joga no rosto da sociedade essa trama inclemente.

Eixo Lexical – Palavra puxa Palavra

Ladino: 1. diz-se de ou indivíduo que revela inteligência, vivacidade de espírito; esperto ; 2. diz-se de ou indivíduo cheio de manhas e astúcias; espertalhão, finório.

Caiporismo: 1.estado, condição ou qualidade de quem é caipora, infeliz ou azarado em tudo ou quase tudo que faz ou que lhe sucede.2.má sorte constante ou frequente de alguém, que se manifesta em acontecimentos fortuitos ou naquilo que essa pessoa faz, e que sugere feitiço ou ações mágicas, maléficas, contra ela; caiporice.

Vicioso 1. que apresenta deformação, adulteração, erro ou defeito. 2. "produto v."que não é autêntico; falsificado, que apresenta perversão de caráter ou degradação moral; depravado, corrupto.

azado 1. que é conveniente; oportuno, propício; 2. que é próprio para algo.

"poesia a. para nossas tertúlias"

Antroponímia: o sujeito na história

4Arminda: Significa "mulher do exército" ou "militar"; "a que possui armas". Arminda é um nome que tem origem germânica. Ele é o feminino de Armindo, que tem o mesmo significado de que Armando, o qual surge a partir do germânico *Hariman*.

- De que armas ele fala? De quais armas ela dispunha? Ajudaram-na de alguma forma no combate com o pai?

Cândido: Significa "branco", "brilhante", "radiante", "resplandecente", "puro", "ingênuo", "inocente".

Neves: Significa "neve", "nevado(a)".

Neves é um sobrenome português de origem italiana, o qual é extraído do título da Virgem Maria que é conhecida como Nossa Senhora das Neves.

- A ação do homem duplamente branco, no nome e no sobrenome, de quem se espera ações nobres e brancas, pacíficas.

Clara: Significa "brilhante", "clara", "luminosa" e "ilustre".

O nome Clara tem origem do latim *Clarus*, a partir do adjetivo clara, e significa "brilhante, ilustre".

Mônica: Significa "só", "solitária", "viúva".

Mônica é um nome de origem incerta, que provavelmente tem origem no grego *Mónikos* derivado da palavra *mónos*, que quer dizer "um", e significa "só", "solitária", "viúva".

⁴ Todos os significados dos nomes próprios consultados foram encontrados no endereço <https://www.dicionariodenomesproprios.com.br>. Acesso em 13/03/2019.

- O que a significação desse nome diz sobre a personalidade da personagem machadiana e de suas intenções no enredo?

Toponímia: o lugar na fala

Rua da Alfândega- onde residia o senhor de Arminda

Rua dos Barbonos – local onde ficava a Roda dos enjeitados.

Rua e Largo da Carioca, Rua do Parto e Rua da Ajuda – locais onde Arminda costumava andar.

Rua da Guarda Velha – local por onde Candinho teve de entrar para chegar à Roda dos enjeitados e em que afrouxou o passo.

Rua dos Ourives – local por onde Candinho arrastou Arminda, o qual ficava próximo da casa do senhor de Arminda.

Largo da Ajuda – local onde Candinho pôde ver o vulto da mulata fugida. E também o lugar para onde Candinho foi após ter recebido a gratificação de cem mil réis e para resgatar seu filho.

- Reflita sobre os topônimos e as perspectivas apresentadas pelo narrador em relação às personagens.

De olho na História

Máscara de folha de flandres

A máscara de folha de flandres é citada e descrita logo no primeiro parágrafo do conto e utilizada de maneira irônica pelo narrador para justificar o uso desse aparelho, utilizado durante a escravidão, e considerado necessário à manutenção da ordem social e humana naqueles tempos.

- Em termos metafóricos, refletir sobre as máscaras sociais permitidas e construídas nas diversas relações interpessoais contemporâneas.

- Quais aparelhos de dominação político-social (de ordem não sensível) substituíram a máscara de folha de flandres nas diversas instituições sociais atuais? E na escola?

Roda dos enjeitados

A Roda dos enjeitados, também conhecida como, roda dos expostos ou roda dos enjeitados, consistia num mecanismo utilizado para abandonar (expor ou enjeitar na linguagem da época) recém-nascidos que ficavam ao cuidado de instituições de caridade.

Essa construção, em forma de portinhola giratória embutida numa parede, era construída de tal forma que aquele que expunha a criança não era visto por quem a recebia. Tal mecanismo tinha muitos adeptos por toda a Europa, principalmente a católica, a partir do século XVI.

"(...) rogo a Vossa Mercê queira ter a bondade de mandar criar este menino com todo o cuidado e amor (...); é este menino filho de Pais Nobres e Vossa Mercê fará a honra de lhe criar em casa que não seja muito pobre e que tem escravas que costumam criar essas crianças (...)"

(Bilhete deixado junto a uma criança enjeitada, 1760)⁵



Figura 2 - Roda dos enjeitados

⁵ Texto e imagens disponíveis em: <http://ainfanciadobrasil.com.br/seculo-xviii-os-enjeitados/>. Acesso em 13/03/2019.

A partir desse registro histórico mencionado no enredo do conto, podemos estabelecer um trabalho em conjunto com as áreas da sociologia e da geografia e refletirmos sobre as condições de crianças e adolescentes abandonados hoje no Brasil e as razões pelas quais essa problemática ainda é tão frequente.

- Qual a situação dos enjeitados hoje? Quais as razões que contribuem para o alijamento de menores em nosso tempo? Quais são as “rodas” disponíveis para a entrega dos enjeitados hoje? Quais políticas públicas são pensadas para o enfrentamento dessa condição?
- Pode-se pesquisar dados estatísticos e contrastá-los com os números de outrora, trabalhando com gêneros textuais distintos, como gráficos, tabelas, e estabelecer gráficos que cotejam os mecanismos que justificam as informações encontradas.

Valongo

Importante porto do século XIX, no Rio de Janeiro, por onde chegavam milhares de escravos vindos da África para serem subjugados no Brasil. Teve seu nome substituído por Cais da Imperatriz por conta da chegada da futura imperatriz Tereza Cristina ao Brasil para o casamento com D. Pedroll em 1843. Essa foi mais uma manobra política do governo brasileiro em uma tentativa de apagar o antigo porto da história nacional e passar a imagem de uma nação dotada de princípios humanitários.

Recebeu o título de Patrimônio Histórico da Humanidade pela UNESCO, em 2017, por ser o único vestígio material da chegada dos africanos escravizados nas Américas.

Uma região de grande valor histórico para a preservação da memória do povo brasileiro, sobretudo do povo negro.

- Debater sobre a importância desse espaço histórico para a memória da história e das lutas sociais no Brasil.
- Pode-se propor uma visita ao cais do Valongo a fim de se viver e de se perceber, *in loco*, as transformações físicas e sociais pelas quais esse espaço passou.
- Refletir sobre a repaginação espacial sofrida no Rio de Janeiro, a saber, a segregação territorial, em 2014, quando da realização dos jogos da Copa do mundo no Brasil, também como uma forma de camuflagem das mazelas sociais locais para os diversos visitantes e autoridades estrangeiros.

Sabemos que, mesmo com a repaginada que o Cais do Valongo recebeu em decorrência da vinda da imperatriz para o Brasil, aquele local continuou a servir de espaço de tráfico clandestino de escravos, principalmente no período noturno, na calada da noite. Com isso, torna-se pertinente discutirmos, hoje, se o trabalho escravo no Brasil realmente é algo ultrapassado e o que nossa constituição preconiza.

- A escravidão no Brasil realmente acabou? Vale a pena refletir sobre os espaços atuais em que ainda é possível se contratar empregados que trabalham em um regime de escravidão, sob nova roupagem, e investigar a dinâmica do processo: quem são, quem contrata, em quais regiões do Brasil, e as razões que justificam sua existência.
- Podemos, também, refletir sobre as formas contemporâneas de tráfico humano, bem como o mecanismo que alimenta essa prática, tornando-a sustentável.
- Sobre esses assuntos, sugerimos trabalhar com reportagens, tanto em meio escrito como audiovisual.
- ✓ Sugestão de reportagem: Trabalho escravo no Brasil. Reportagem de 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oOzKMrhsaQM>. Acesso em 19/03/2019.
- ✓ Sugestão de reportagem: Levantamento sobre situação do trabalho escravo no Brasil. Reportagem de 2018. Disponível em <http://g1.globo.com/videos/v/g1-em-1-minuto-levantamento-mostra-situacao-do-trabalho-escravo-no-brasil/6408669/>. Acesso em 19/03/2019.

Outros Encontros

Verificamos também a possibilidade de se trabalhar com o gênero anúncio a partir do contexto em que o texto literário foi produzido. Nele, sabemos que foi por meio do anúncio publicado em jornais que o personagem Cândido Neves tomou conhecimento acerca da possibilidade de obter um rendimento, caso capturasse a escrava fugitiva Arminda.

Pelo que foi expresso, podemos inferir que naquele tipo de texto havia informações específicas sobre a escrava, como características físicas da mulata, os locais que frequentava, o local onde entregá-la, seu proprietário e a recompensa pela captura. Assim, podemos identificar as características que constituíam esse gênero naquela época.

- Da mesma forma, podemos estabelecer um paralelo com os anúncios dessa natureza veiculados atualmente, a saber, de pessoas desaparecidas (recompensa?), de animais desaparecidos (recompensas material), e de auto anúncios, como o dos “acompanhantes” (aqueles que querem ser comprados). Paralelamente ao estudo linguístico e pragmático desse gênero, propor ainda uma reflexão sobre o processo de reificação e buscar elementos sociológicos e filosóficos que dão conta desse movimento.

“Nem todas as crianças vingam”, essa lítotes intencional destaca as contradições sociais como uma justificativa para aqueles que estavam certamente fadados ao sofrimento. E Arminda pertencia àquela classe. Negra e escrava teve seu estado de mínima condição humana negado, nem mesmo da possibilidade natural de ser mãe pôde gozar.

- A partir dessa perspectiva, podemos estabelecer um trabalho interdisciplinar com a área de História e Sociologia a fim de investigarmos a temática da maternidade no Brasil, buscando compreender os avanços e/ou os retrocessos das políticas públicas referentes a essa natureza; as condições concretas dos projetos que amparam a mulher e traçar um perfil histórico dessa construção social.

Atenção.

Vende-se para o mato uma preta da costa de idade de quarenta e tantos annos, muito sadia e bastante robusta, sabe bem lavar e cozinhar o diário de uma casa, vende-se em conta por haver precisão, no beco Largo, n. 2. Na mesma casa vende-se uma tartaruga verdadeira.

PRECISA-SE

comprar uma escrava de meia idade sem vícios, e que saiba cozinhar. Informações á rua Direita n. 7. — Loja de ferragens. 4—4



FUGIU á Joaquim Domingues Corrêa na cidade de Campinas um escravo de nome Augusto com os signaes seguintes: Cór bem preta, bastante barba, magro, falta de dois ou tres dentes na frente, tem uma orelha mais curta do que outra.

Quem deste escravo der noticia certa, ou o entregar na cidade de Campinas, rua do Rozario n.º 53—receberá a gratificação de 50 rs.

N. B. este escravo fugiu no dia 10 de setembro do corrente anno. (1-3) 6

O gênero “anúncio de escravos fugitivos”, muito comuns na época de Machado, permite-nos estabelecer um diálogo bem pertinente com a disciplina de História, em que se considerem questões como as injustiças – e a naturalização, na sociedade oitocentista – da escravidão, de suas práticas violentas e de seus detalhes micro-históricos, cotidianos. O conto como *dispositivo* disparador do debate, fornece-nos condições de informar os estudantes sobre:

- 1) as diferenças entre escravos urbanos e rurais;
- 2) no setor urbano, a diversidade dos chamados “escravos de ganho”;
- 3) a legislação reguladora dos castigos físicos aplicados aos escravos;
- 4) a necessidade histórica do surgimento de um profissional típico daquele tempo, os “caçadores de escravos” – mais comumente conhecidos por “capitães do mato”;
- 5) a *coisificação* da pessoa escravizada, tornando-a mera mercadoria na sociedade, ou seja, objeto de venda, troca, empréstimo, aluguel, transmissão por herança, enfim, de usos e abusos...;
- 6) o tráfico negreiro e suas especificidades;
- 7) *quando e onde* havia a possibilidade de o escravo obter as *Cartas de Alforria*;
- 8) a prática de rejeição e abandono de crianças na “Roda dos enjeitados” etc.

⁶ Esses anúncios foram obtidos na internet e estão disponíveis em: <http://www.saopauloantiga.com.br/anuncios-de-escravos/>. Acesso em 19/04/2019.

Clássico puxa clássico...

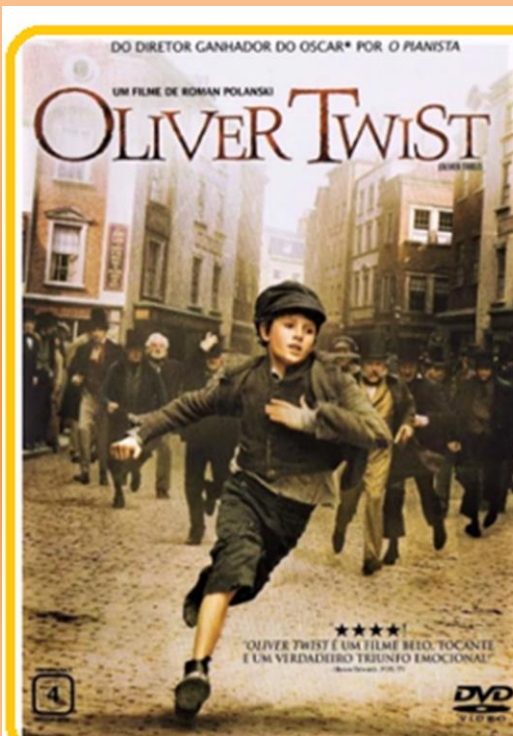
- Leia “**Os miseráveis**”, de Victor Hugo. Nesta obra, ao fazer um mapeamento da cidade de Paris, o autor relaciona a formação do sistema de esgoto numa espécie de revisão histórica de como esse projeto se liga às personagens que dão nome à obra: os marginalizados, os excluídos, os miseráveis.

OS MISERÁVEIS - EDIÇÃO ESPECIAL

HUGO, VICTOR - *Martin Claret*

Esta obra é uma poderosa denúncia a todos os tipos de injustiça humana. Narra a emocionante história de Jean Valjean — o homem que, por ter roubado um pão, é condenado a dezenove anos de prisão. Os miseráveis é um livro inquietantemente religioso e político.

Leia também o Clássico inglês **Oliver Twist**:



Nesta adaptação do famoso clássico de Charles Dickens, um órfão conhece um ladrão nas ruas de Londres e se junta à uma gangue de meninos que são treinados para roubar, mas um segredo do passado está prestes a mudar a sua sorte.

Duração 2h 05min
Direção: Roman Polanski
Lançamento: 2005

Sinopse: O caso da Vara

Título: O caso da Vara

Fonte: Esse conto foi publicado inicialmente na *Gazeta de Notícias*, no ano de 1891, e republicado no livro *Páginas Recolhidas*.

O jovem Damião fugiu do seminário e, para salvar sua pele de modo que não regressasse à vida sacerdotal da qual tenta escapar, precisa dos favores e da simpatia de Sinhá Rita. Por isso, hesita em entregar-lhe ou não a vara que utilizará para castigar a pequena e inocente escrava Lucrécia, de 11 anos, que surge em sua história para lhe apresentar um dilema ético do qual não pode fugir.

- Como foram trabalhados no mesmo encontro, as proposições para **Pai contra mãe** também são aplicáveis para **O caso da vara**.

C. Concepções identitárias na docência

Pra início de conversa

Sinopse: O Espelho

Título: O Espelho

Fonte: Esse conto foi originalmente publicado no jornal *Gazeta de Notícias* no dia 8 de setembro de 1882 e integrado à obra *Papéis Avulsos* no mesmo ano.

O alferes Jacobina relata a seus amigos o que lhe acontece quando a farda, que reveste sua alma exterior, torna-se imprescindível para que ele se reconheça frente ao espelho. A distorção de sua imagem só acontecia quando ele não vestia seu uniforme. Entenda os processos de mascaramento social pelos quais passava o soldado neste conto.

Outros Encontros

O narrador nos apresenta o protagonista Jacobina, o alferes (que só se reconhecia frente ao espelho quando trajava sua farda), e comenta sobre as aspirações profissionais deste.

Nos sonhos, fardava-me orgulhosamente, no meio da família e dos amigos, que me elogiavam o garbo, que me chamavam alferes; vinha um amigo de nossa casa, e prometia-me o posto de tenente, outro o de capitão ou major; e tudo isso fazia-me viver. (p. 56)

➤ T

Tomando como base as expectativas profissionais do personagem, pode-se propor uma discussão acerca da formação de um oficial das forças armadas, da carreira militar, vigente até os dias atuais.

- Os postos são os mesmos? O que mudou? Como se ascendia profissionalmente na carreira militar? Discutir sobre as relações de trabalho considerando essa carreira e refletir sobre vetores como prestígio, funções, salários, aposentadoria, dentre outros, estabelecendo um paralelo com as normas vigentes atualmente.

- Assista também à série **Black Mirror**, uma antologia de ficção científica, composta por episódios independentes, os quais tematizam a natureza humana face às tecnologias de ponta. Criada em 2011, por Charlie Brooker, divide-se em três temporadas (Netflix, 2011). Todas elas retratam, de forma distópica, as consequências nefastas para a sociedade, cujas relações sociais são mediadas pela tecnologia. NETFLIX. Black Mirror. 2011. Disponível em: <<https://www.netflix.com/br/title/70264888>>. Acesso em: 10/04/19.

Essa troca intersemiótica amplifica as discussões provocadas pelo narrador machadiano, que mostra que para o sujeito importava apenas o que ele aparentava ser, e não o que ele, de fato era, demonstrando uma necessidade extrema da visibilidade e da aprovação de outrem. Da mesma forma, em nosso tempo, com a utilização da tecnologia e das redes sociais, a relatividade do ser é facilmente vislumbrada por meio do mascaramento social através das diversas redes que permeiam novos relacionamentos.

- Leia o conto **O espelho**, de José Jacinto Vieira. Com uma nova perspectiva, faz uma interessante releitura dos homônimos de Machado (1882) e de Rosa (1962), em que, por meio da personificação, é o objeto que incita o conflito ao revelar as verdades impostas pela alma interior. Esse texto compõe o primeiro conto do livro **Objetos Turbulentos: contos para ler à luz do dia**, do mesmo autor. VEIGA, José Jacinto. *Objetos Turbulentos: contos para ler à luz do dia*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

Clássico puxa clássico...

- Leia também o conto **O espelho**, de João Guimarães Rosa. O autor estabelece uma releitura com o texto machadiano, em uma espécie de resposta ao embate das duas almas exposto por Jacobina. Enquanto a personagem machadiana entrevista o embaraço ao se procurar no espelho, pois só conseguia perceber sua alma exterior; a personagem roseana consegue perceber o desanuviado de seu interior, quando deixa de lado as camadas externas da alma visível, as quais são passíveis de anular a subjetivação indivíduo.

Ao propormos a leitura da tríade de contos homônimos, podemos estabelecer um interessante diálogo que tem no objeto espelho elementos de provocação e análise. Três diferentes perspectivas quando tratam da ação do homem frente ao espelho. Seguindo a linha cronológica, temos que, ao representarem o sujeito que se depara com sua própria imagem no espelho, esse homem, em Machado (1882), reconhece apenas a imagem que lhe é devolvida pela percepção externa da sociedade; em Rosa (1962), é capaz de conseguir uma visão essencial por meio do desvelamento; e, em Veiga (1997), surpreende-se com as revelações que o objeto pode fazer acerca das pessoas que o encaram.

D. Dilemas éticos e processos de subjetivação e objetivação na docência

Pra início de conversa

Sinopse: O enfermeiro

Título: O enfermeiro

Fonte: Esse conto faz parte do livro *Várias Histórias*, publicado em 1869.

A pedido de um padre amigo, o enfermeiro passa a cuidar de um coronel, que – entre outros traços insuportáveis – tem a agressividade e a intolerância como marcas. O enfermeiro, aparentemente mais preparado que os anteriores, resiste à tradicional fúria do paciente até o dia em que, diante de uma violência desmedida, perde o equilíbrio e esgana, de modo fatal, o doente, que – no clima de ambiguidade da narrativa – pode ter morrido em função da ação do enfermeiro ou em consequência de alguma enfermidade pré-existente.

Eixo Lexical – Palavra puxa Palavra

Antroponímia: o sujeito na história

Procópio: Aquele que progride. Procópio é um nome predominantemente masculino, de origem Grega que significa "Aquele que progride".

- De que maneiras Procópio progride em sua trajetória?

- Qual o seu saldo no final da história? De que forma o remorso obtido por meio do pecúlio recebido se relaciona com sua herança?

Felisberto: Significa ilustríssimo e indica uma pessoa sensível, intuitiva e influenciada por assuntos místicos e científicos. Por sua natureza calma, não foge da solidão, mas consegue se destacar em qualquer grupo do qual faça parte.

Toponímia: o lugar na fala

⁷**va-lon-go:** (*Valongo*, .topônimo): Local para venda de escravos, na época .escravagista.

- Embora nesse enredo, o étimo Valongo aparece para designar um sobrenome, seu uso habitual é como topônimo.

Após se apresentar para o coronel, dizendo seu nome completo Procópio José Gomes Valongo, o enfermeiro é questionado com surpresa pelo coronel: “Valongo? *Achou que não era nome de gente, e “[...] propôs chamar-me tão somente Procópio, ao que respondi que estaria pelo que fosse de seu agrado”.*

- Por que o coronel se nega a aceitar o nome “Valongo” como sobrenome de Procópio?

Outros Encontros

Em diversas circunstâncias, percebemos como a dimensão espacial dos fatos narrados na história se revela determinante e influenciadora nas atitudes de Procópio, propiciando uma configuração antitética de limites e de possibilidades nas reflexões deste.

⁷ “**valongo**”, in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2013, <https://dicionario.priberam.org/valongo> [consultado em 19-03-2019].

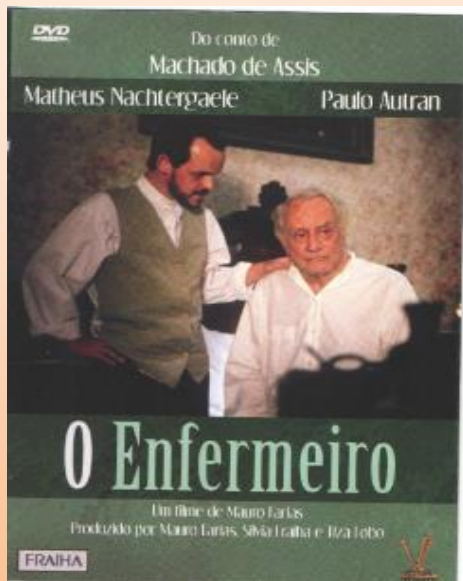
Dessa forma, é possível, em um diálogo com a geografia, refletir sobre a ocupação dos espaços em nossa sociedade, enfocando, especialmente a relação dicotômica campo X cidade, atraso x desenvolvimento, levando em consideração variáveis como (meios de transporte, opções de lazer, internet, meios de produção), dentre outros enfoques, e propor uma investigação dos movimentos que contribuíram para as transformações modernas.

Ainda nessa área, pode-se também propor um trabalho de investigação de espaços históricos selecionados, utilizando a categoria conceitual rugosidade, de Milton Santos. Esse importante geógrafo utilizou do termo rugosidade para designar as marcas do tempo na paisagem, marcas que coexistem hoje, as quais evidenciam o velho e o novo, e suas relações espaciotemporais.



- Leia também “**O enfermeiro**”, da coleção Literatura brasileira em quadrinhos, da Escola Educacional. Nessa obra, a seleção das cores é cuidadosamente escolhida de acordo com a interpretação que os cartunistas fazem da obra machadiana. Outro ponto que pode auxiliar na compreensão das entonações na leitura da obra é a riqueza das expressões não-verbais apresentadas.

Assista também a: **O enfermeiro** - O ENFERMEIRO. Direção de Mauro Farias. 1999 (43 min.), color.



O Enfermeiro, uma ótima adaptação de um dos melhores contos do genial Machado de Assis (1839-1908), que conta com grandes interpretações dos atores Paulo Autran e Matheus Nachtergaele. Conheça a história de Procópio, um rapaz formado em Teologia que vai a uma pequena cidade no interior cuidar de um velho rico, Coronel Felisberto, que além de doente, possui um comportamento agressivo e intolerante. Movido parte pelas virtudes recomendadas pelo vigário local, mansidão e caridade, e parte pelo bom ordenado, o enfermeiro resiste a xingamentos e bengaladas, até que um dia...

E. As máscaras sociais; relações sociais fragilizadas

Pra início de conversa

Sinopse: Teoria do Medalhão

Título: Teoria do Medalhão

Fonte: Esse conto foi originalmente publicado na Gazeta de Notícias, no ano de 1881, e posteriormente integrado ao livro Papéis Avulsos.

Na noite que antecede a maioridade do filho, o pai lhe oferece conselhos inescrupulosos para obter vantagens e prestígios em uma sociedade que vive de aparências. Pautada mais pelo monólogo que pelo diálogo, a conversa sugere a forte influência paterna sobre os ânimos de Janjão, estimulado a cultivar a mediania em lugar da originalidade e da reflexão, comportamento medíocre por meio do qual se pode ascender socialmente sem grandes esforços.

Outros Encontros

Sugerimos um trabalho interdisciplinar entre a área de linguagens e a Sociologia, tomando como base a obra **O Homem Cordial**, de Sérgio Buarque de Holanda. (HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 4ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1963).

Veja o que diz o jornalista e pós-graduado em Sociologia Política e Cultura, Cícero Nogueira, ao problematizar o mito do Homem cordial, à luz da Sociologia.

Ora, a Sociologia não se limita apenas a estudar contemplativamente a sociedade, mas também a explicá-la sob métodos científicos. O que chama atenção no caso do Homem Cordial é a solidificação da imagem do brasileiro afável, ainda que ele sirva para mascarar as diferenças e desigualdades sociais sob o manto da proximidade, da informalidade e de uma amizade teatral, quase dissimulada.

Mais adiante, reflete sobre as consequências desse típico comportamento da sociedade brasileira contemporânea, o que reflete de maneira negativa em sua forma de atuação crítica:

Não seria exagero concluirmos que o essa imagem da cordialidade do brasileiro tem sido utilizada pelas forças políticas, sobretudo na direita tradicional, econômicas e midiáticas como uma maneira de amortizar o engajamento das massas diante dos problemas estruturais do Brasil atual.

Ao solidificar a ideia do homem cordial, retira-se do povo sua verve crítica/questionadora, que é uma das bases da mobilização política.

- As aspirações dos medalhões continuam as mesmas? Qual a relação que podemos estabelecer entre o medalhão dos oitocentos e o da atualidade?
- Leia **Um Homem Célebre - Machado Recriado – Contos, Peça e Alguns Desenhos**, da Publifolha, 2008.

Sinopse: *Ler e reler Machado de Assis é a melhor forma de homenageá-lo. Cem anos depois de sua morte. Foi bem nesse espírito que se imaginou este livro - partindo do pressuposto de que escrever (ou reescrever) é uma das melhores formas de ler. Cada um dos dez autores partiu do original para imaginar outros textos, levando só um pouco adiante aquela liberdade que tem qualquer leitor, até a despeito de si, para recriar o que está lendo.*

Nesta obra, é a escritora Mariana Verissimo quem vai estabelecer uma releitura do conto **Teoria do Medalhão**, estilizando um diálogo entre o próprio autor Machado (que como “imortal” goza do poder de voltar à sua cidade natal a cada dez anos), e o garçom do bar de um renomado hotel carioca. Nele ambos revisitam o conceito do medalhão, aplicando-o a uma ilustre visitante.

Esse exemplo de releitura oportuniza aos leitores um trabalho de extrema relevância com o texto literário: a participação ativa do leitor/participante na produção e na recriação de sentidos, à medida que este é motivado a dialogar com a obra, a interagir com ela. Nesse sentido, os leitores são incentivados a visitar conceitos, a recontar a história sob uma diferente perspectiva, a exercerem a exotopia e se colocarem no lugar do outro, e a transpor barreiras de ordem espaciotemporal de modo de recriarem diálogos, versões e narrativas.

- É possível que se proponha um trabalho interdisciplinar para se discutir a proposta do projeto *Escola sem partido* e refletir sobre a figura que se avulta na narrativa, a do isentão, aquele que tenta dissuadir a todos, engando-se também, na tentativa de não compartilhar suas verdadeiras convicções, suas crenças e seus desejos para, simplesmente, enquadrar-se em um mundo de hipocrisia e de verdades compradas, atuando de forma acrílica na sociedade.

Clássico puxa clássico...

Machado e Maquiavel, o medalhão e o príncipe: um diálogo em potencial. Na última fala do pai, ele afirma que os conselhos que dá ao filho correspondem à leitura da obra o *Príncipe*, de Maquiavel, publicado após sua morte em 1532, por estes estabelecerem entre si uma relação de contiguidade.

- Meia-noite? Entrás nos teus vinte e dois anos, meu peralta; estás definitivamente maior. Vamos dormir, que é tarde. Rumina bem o que te disse, meu filho. Guardadas as proporções, a conversa desta noite vale o Príncipe de Machiavelli. Vamos dormir. (p. 196)

Dessa feita, sugerimos a leitura do clássico de Nicolau Maquiavel, tratado escrito pelo florentino com o fim de instruir Lorenzo de Médicis, para que este possa não apenas ascender ao poder, mas também mantê-lo.

A leitura desse clássico italiano serve para refletirmos sobre os eixos políticos (em Maquiavel) e morais (em Machado) e seus respectivos meios (governamentais) e (de caráter) de elaboração e manutenção, os quais garantem ao homem sua

inserção destacada em dada sociedade.

F. Os papéis sociais na escola (os gêneros e a docência)

Pra início de conversa

Sinopse: Noite de Almirante

Título: Noite de almirante

Fonte: Esse conto foi publicado originalmente em *Gazeta de Notícias*, no ano de 1884. Agrupado posteriormente e publicado em *Histórias sem data*.

Eixo Lexical – Palavra puxa Palavra

Antroponímia: o sujeito na história

Genoveva, “mulher que tece”, mas também pode ser “tecedora de feitiços”, numa capacidade de sedução.

Nesse contexto, é interessante notar como é a própria personagem a responsável pela tessitura do seu próprio destino.

Deolindo significa “serpente do povo” ou mesmo “escudo do povo”. Pode associar-se, sob outra etimologia, a “Deus”.

José Diogo, nome, segundo o folclore popular, normalmente atribuído ao diabo.

Inácia significa “ígneia” ou “ignara”, tendo ainda um significado

específico ligado ao jargão dos marinheiros, denotando “norma de serviço, regulamento”.

- Podemos refletir sobre o sentido irônico dos antropônimos atribuídos aos personagens nesse enredo.

Toponímia: o lugar na fala

- Após chegar de sua longa viagem, Deolindo realiza um percurso, na cidade do Rio de Janeiro, até chegar à casa de Genoveva, e percorre vários locais, cujos nomes são bem demarcados pelo narrador: **Prainha, Saúde, Gamboa, Cemitério dos Ingleses, Saco do Alferes, Praia Formosa** (local onde mora Genoveva), **Hospital dos Lázaros, Ilha dos Melões**. Em um diálogo com a Geografia, é possível realizar um trabalho de cartografia e comparar as transformações ocorridas nesses espaços sociais no decorrer do tempo e utilizar como referência o mapa **O Rio de Janeiro de Machado**, de John Gledson.
- É interessante, também, refletir sobre a atribuição dos topônimos, estabelecendo um paralelo entre as normas estabelecidas para esse fim naquela época, comparando com os critérios utilizados atualmente.

Outros Encontros

Depois de perder a última esperança em reconquistar Genoveva, e tendo percebido a falta de comoção e de intimidade com que era tratado pela antiga namorada, temos da instância narrante a seguinte consideração sobre Deolindo:

Em falta de faca, bastavam-lhe as mãos para estrangular Genoveva, que era um pedacinho de gente, e durante os primeiros minutos não pensou em outra coisa. (p. 196)

Os atos de violência contra Genoveva se realizaram apenas nos pensamentos de Deolindo; entretanto, a demarcação de claras e possíveis intenções contra a moça indicam, de pronto, valores ideológicos e modos comportamentais da sociedade oitocentista de hegemonia patriarcal.

- A partir desse recorte ideológico representado na estória, podemos propor um trabalho interdisciplinar entre as áreas de Português, História, Sociologia e Filosofia a fim de investigarmos a cultura do machismo e as questões relacionadas à violência contra a mulher a fim de estabelecermos um paralelo entre a nossa Oitocentos e a sociedade contemporânea.
- É possível, também, estabelecer um diálogo entre as disciplinas de Português e de Filosofia a fim de se promover uma reflexão filosófica acerca das necessidades e vaidades humanas, sem lugar para o maniqueísmo romântico.
- Sobre a temática da **violência contra a mulher**, sugerimos o estudo dos textos do site "**Compromisso e atitude**". Nele são apresentadas diversas questões que dizem respeito à vida da mulher, abarcando dados e fatos; Lei Maria da Penha; Legislação/jurisprudência; serviços e ações; e notícias.
<http://www.compromissoeatitude.org.br/dados-e-estatisticas-sobre-violencia-contra-as-mulheres/>

COMPROMISSO E ATITUDE
LEI MARIA DA PENHA
A LEI É MAIS FORTE

Busca Avançada | Contato | Cadastre-se

A CAMPANHA DADOS E FATOS LEI MARIA DA PENHA LEGISLAÇÃO/JURISPRUDÊNCIA SERVIÇOS E AÇÕES NOTÍCIAS

DESTAQUES

NOTA PÚBLICA DO CONSÓRCIO LEI MARIA DA PENHA PELO ENFRENTAMENTO A TODAS AS FORMAS DE VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA AS MULHERES E DO INSTITUTO MARIA DA PENHA SOBRE OS PROJETOS DE LEI PL 11/2019 E PLC 94/2018

Nota Pública do Consócio da Lei Maria da Penha e Instituto Maria da Penha sobre os projetos de lei PL 11/2019 e PLC 94/2018

ÚLTIMAS NOTÍCIAS

Registros de crimes sexuais em coletivos de SP crescem 265% em 11 anos (Folha de S.Paulo – 23/03/2019)

101 medidas protetivas foram expedidas para mulheres vítimas de violência doméstica no Piauí (Cidade Verde – 23/03/2019)

Em evento na ONU, CNMP divulga o Frida e troca experiências no combate à violência contra a mulher (CNMP – 22/03/2019)

Governo lança aplicativo 'SOS Mulher' para vítimas de violência em SP (O Estado de S. Paulo – 22/03/2019)

MMFDH discute proteção a vítimas de violência com representantes do Ministério Público de Goiás (MMFDH – 22/03/2019)

CONSULTE NO PORTAL

Veja mais

CONHEÇA:

dossiê
VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

LIGUE 180
Central de Atendimento à Mulher

Informativos Lei do Feminicídio Lei Maria da Penha

A publicação *Informativo Compromisso e Atitude* divulga ações, reflexões e propostas que estão sendo desenvolvidas pelos parceiros da Campanha. Já conta com 15 edições com matérias, entrevistas e artigos exclusivos sobre o enfrentamento à violência contra as mulheres. **Conheça.**

ATIVISMO PELO FIM DA VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

- Leia também a reportagem no link: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-cada-2-segundos-uma-mulher-e-vitima-de-violencia-no-brasil/>. Acesso em 26/03/2019.

Nela são abordadas as características de um relacionamento abusivo, os motivos que levam ao comportamento machista, as redes de apoio para mulheres que estão sendo ameaçadas de morte e a Lei Maria da Penha.



Assista à série **Alias Grace**, produção, de 2017, da Netflix em seis episódios, baseada no premiado livro de Margaret Atwood Vulgo Grace. Ficção relevante para quem se interessa pela investigação da construção do discurso, no tocante à relação do binômio verdade x mentira, enfocando questões que respondem a questionamentos como: “Será que Genoveva em sua tessitura manipulou Deolindo desde o início da estória do casal?”, dentre outros.

Leia o que Eduardo Carli de Moraes, do site “A casa de Vidro”, diz sobre essa obra:

Assim como seu romance de 1984, O Conto da Aia (The Handmaid's Tale), Alias Grace também foi adaptada com maestria para a linguagem audiovisual e tornou-se uma mini-série de 6 episódios da Netflix em parceria com a CBC (Canadian Broadcasting Company).

Desvelando com sua fina ironia toda a complexa ambiguidade da condição feminina, Atwood tem uma obra que torna muito difícil o simplismo reducionista daqueles que querem dividir o mundo entre vilãs e mocinhas: sua Grace é uma esfinge em forma de mulher, que se esquia aos esforços de compreensão que o psicólogo Simon Jordan empreende para desvendá-la, permanecendo indecível se ela é algoz ou vítima.

Para além de todos os estigmas que a sociedade de sua época grudou sobre ela – assassina, louca, femme fatale, histérica etc. – o que testemunhamos nesta obra é o pormenorizado retrato de uma pessoa enigmática, labiríntica. Atwood não parece ter nenhum desejo de dar solução simples para esta incógnita, como se quisesse nos dizer que uma mulher é mil vezes mais difícil de resolver do que a mais cabeluda das equações matemáticas.

Disponível em: <https://acasadevidro.com/2018/02/26/vulgo-grace-os-indecifreveis-misterios-de-uma-psyque-esfinge-na-mini-serie-da-netflix-cbc-baseada-em-romance-de-margaret-atwood/>. Acesso em 02/04/2019

Clássico puxa clássico...

- Leia **Odisseia**, poema épico do século IX a.C., de Homero. Sugerimos esse clássico para que se perceba a releitura às avessas empreendida pelo autor realista da epopeia clássica, representada como o grande mito do retorno no imaginário ocidental.

Em um diálogo intencional com o clássico grego, Machado contrapõe sua Genoveva à protagonista Penélope, leal esposa de Ulisses e modelo de fidelidade conjugal, que, sem saber se este voltará para casa, se mantém firme no propósito de esperá-lo.

- Leia também o conto machadiano **O caso Barreto**, publicado originalmente em *A Estação* em 1892. Em uma narração de prosa fácil e, a princípio desinteressada, Machado, a partir dos fatos narrados pelas lentes do protagonista, nos coloca diante de uma notícia de violência contra a mulher publicada no jornal local. Drama que causou perplexidade no ente narrante de então, nos faz refletir e permite um interessante diálogo sobre a questão do alijamento feminino que até hoje persiste em nossa sociedade.
- Outra sugestão é a obra **As Mil e uma Noites**, título de uma das mais famosas obras da literatura árabe, composta por uma coleção de contos escritos entre os séculos XIII e XVI, que se tornou conhecida no ocidente a partir de 1704. Nessas narrativas, observamos o protagonismo de Sherazade, mulher que manipula o discurso a seu favor, quando, ao tecer estórias como estratégias de sobrevivência, mostra a importância de o sujeito se posicionar e construir seu próprio destino com as armas que de dispõe, não se posicionando como vítima. Atitude semelhante à de Genoveva, que “brincando, brincando”, consegue impor-se frente às adversidades circunstanciais.

G. O politicamente correto na docência

Pra início de conversa

Sinopse: A igreja do Diabo

Título: A igreja do Diabo

Fonte: Esse conto foi publicado no livro *Histórias sem Data* de 1884.

Até que ponto os dogmas da igreja poderiam servir, ainda que do avesso, ao Diabo? Eis uma anedota exemplar que revela, no próprio tratamento discursivo, de que modo a argumentação preside algumas infundáveis discussões de teor metafísico.

Outros Encontros

A partir do recorte ideológico representado na estória, que trata do poder e da manipulação do discurso, podemos propor encontros com outras obras, a fim de amplificar a temática do conto. Assim:

- Assista também ao filme **A onda**, em que é possível refletir sobre a tendência das pessoas de seguirem uma liderança forte. Questionamo-nos, então, sobre “O que vem a ser um líder forte?”. Obra interessante para empreender uma análise acerca do pensamento do jovem intolerante, saturado do discurso politicamente correto, que procura certezas e que, muitas vezes, enxerga no tradicional uma representação sólida em que se balizar.



Título original Die Welle, de 2008. Direção de Dennis Gansel.

Em uma escola da Alemanha, alunos tem de escolher entre duas disciplinas eletivas, uma sobre anarquia e a outra sobre autocracia. O professor Rainer Wenger (Jürgen Vogel) é colocado para dar aulas sobre autocracia, mesmo sendo contra sua vontade. Após alguns minutos da primeira aula, ele decide, para exemplificar melhor aos alunos, formar um governo fascista dentro da sala de aula. Eles dão o nome de "A Onda" ao movimento, e escolhem um uniforme e até mesmo uma saudação. Só que o professor acaba perdendo o controle da situação, e os alunos começam a propagar "A Onda" pela cidade, tornando o projeto da escola um movimento real. Quando as coisas começam a ficar sérias e fanáticas demais, Wenger tenta acabar com "A Onda", mas aí já é tarde demais.

- Leia: **Simulacro e poder: uma análise da mídia**, Marilena Chauí. Nesta obra, a autora coloca em cheque a articulação da mídia na manipulação dos discursos para atingir seus objetivos a qualquer custo. Ela analisa questões pontuais em gêneros, como a propaganda, mostrando sempre como o discurso é construído, editado, o que acaba por configurar politização e alienação, fazendo com que o sujeito acabe não maturando os discursos aos quais é exposto.

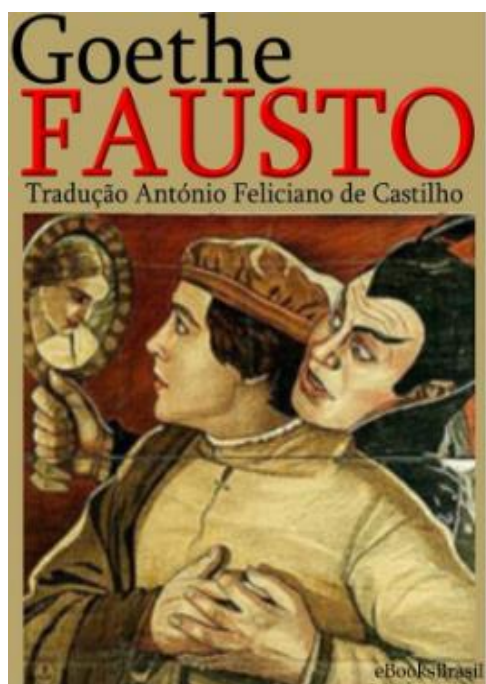
Leia a sinopse: Simulacro e Poder - Uma Análise da Mídia Chauí, Marilena - PERSEU ABRAMO, 2006.



Os meios de comunicação de massa tornaram irrelevantes as categorias da verdade e da falsidade e as substituíram pelas noções de credibilidade ou plausibilidade e confiabilidade - para que algo seja aceito como real basta que apareça como crível ou plausível, ou como oferecido por alguém confiável. Os fatos cederam lugar a declarações de personalidades autorizadas, que não transmitem informações, mas preferências, as quais se convertem imediatamente em propaganda. Qual a base de apoio da credibilidade e confiabilidade? Trata-se do apelo à intimidade, à personalidade, à vida privada como suporte e garantia da ordem pública. Em outras palavras, os códigos da vida pública passam a ser determinados e definidos pelos códigos da vida privada, abolindo-se a diferença entre espaço público e espaço privado.

- A partir desse conto, é possível realizar um trabalho na área de Linguagens, tendo como tendência crítica a exploração da leitura metalinguística, ressignificando o Diabo como a própria figura personificada da ironia. Estética arquitetada como se o autor Machado explicasse ao leitor a forma como elabora seus textos, um tratado metanarrativo machadiano, o que constitui um interessante exercício interpretativo para o leitor.

Clássico puxa clássico...



- Leia também **Fausto**, poema trágico do alemão Goethe, que o publicou no ano de 1808. No capítulo II, “Entre Deus e o Diabo”, do conto machadiano, quando o Diabo chega ao céu e diz a Deus não vir pelo servo Fausto, mas “por todos os Faustos do século e dos séculos”, percebemos o diálogo transcultural que Machado estabelece com a cena “Prólogo no céu” da obra **Fausto**. Machado dialoga, mas amplia e redimensiona a perspectiva presente nesta obra: Goethe permite que o personagem seja salvo, apesar de seus pecados e de seu pacto selado com o Diabo; ressignificando, Machado de Assis utiliza em seu conto o plural Faustos para designar todo o ser humano que transgredir as regras, representando todos os possíveis Faustos de hoje.

ÚLTIMAS PALAVRAS

Mediante a leitura atenta dos contos machadianos e dos diálogos possíveis que podemos estabelecer entre sua obra e as diversas produções estéticas (contemporâneas ou não), percebemos que Machado, do lugar único que ocupava enquanto sujeito ético e responsivo, ainda tem muito a nos falar. Precisamos hoje, mais do que nunca, do excedente de visão desse sujeito bifronte – justificando a identidade visual desse material – para desnaturalizarmos o discurso machista e irracional que ainda avassala nossa gente, especialmente nos tempos incertos e de retrocesso social – que discrimina, humilha e diminui a mulher, o negro e o pobre neste momento.

Agradecimentos

Agradecemos muito e, especialmente, a todos os pares do *Ifes campus Cachoeiro* que, gentilmente, aceitaram o desafio de se encontrarem com nosso autor oitocentista e de participar das arenas dialógicas, colaborando de maneira singular para a construção deste Caderno Pedagógico.

As contribuições foram das mais diversas formas, mas, notadamente, por meio do oferecimento da contrapalavra, da inquietação, das ideias, das reflexões rebatidas pelas palavras alheias, motivadas pelo exercício da leitura dos contos machadianos, em um legítimo embate dialógico bakhtiniano, polifônico e, sobretudo, responsivo.

Referências

ASSIS, Machado de. **Machado de Assis Contos Escolhidos**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

AMORIM, M. "Cronotopo e exotopia". In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin: outros conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 95-114.

BAKHTIN, M. "O autor e a personagem na atividade estética". In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p.3-192.

_____. "Metodologia das ciências humanas". In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2017, p.393-410.

_____. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio**. Brasília: MEC/SEB, 2000.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) **Direitos humanos E... Cjp** / Ed. Brasiliense, 1989.

_____. "O direito à literatura". In: **Vários Escritos**. Rio de Janeiro: Duas Cidades, 2004.

_____. "Esquema Machado de Assis". In: **Vários Escritos**. 3ª ed. rev. e ampl. - São Paulo: Duas Cidades, 1995.

CHALHOUB, Sidney. **Machado de Assis, historiador**. São Paulo: ed. Companhia das Letras, 2003.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

FIORIN, José Luiz. **Introdução ao pensamento de Bakhtin**. São Paulo: Ática, 2008.

GALLIAN, Dante. **A literatura como remédio: os clássicos e a saúde da alma**. São Paulo: Martin Claret, 2017.

JOUBE, Vincent. **Por que estudar literatura?** Tradução de Marcos Bagno e Marcos Marcio-lino. São Paulo: Parábola editorial, 2012.